Ano XIV — Fátima, 13 de Setembro de 1936 — N.º 168

Director e Proprietário
Dr. Manuel Marques dos Santos

Emprêsa Editora
«União Gráfica» R. Santa Marta, 158-Lisboa

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Administrador
P. António dos Reis

Redacção e Administração
«Santuário da Fátima» — Sede em Leiria

Crónica da Fátima

(13 DE AGOSTO)

A grande peregrinação anual diocesana de LEIRIA

A Diocese da Virgem

Leiria, a diocese privilegiada da augusta Rainha do Céu, acudindo com ardor e entusiasmo ao apêlo do seu ilustre e venerando Prelado, realizou, mais uma vez, a sua peregrinação anual ao Santuário da Fátima, que constituiu, como sempre, uma grandiosa e imponente manifestação de fé e piedade.

Tôdas ou quási tôdas as freguesias se fizeram representar nessa solene homenagem de gratidão e amor filial a Nossa Senhora por um elevado contingente de habitantes pertencentes a diversas classes e condições sociais.

A atitude grave e correcta dos fiéis, a ordem e compostura que guardaram na assistência aos actos colectivos e os sentimentos de acendrada devoção de que por tôda a parte deram eloqüentes provas, foram sobremaneira edificantes e comoventes, imprimindo à romagem de Agôsto um cunho particular, altamente louvável, de recolhimento e fervor.

Uma nota de graça e candura caracterizou também esta peregrinação: foi o concurso de duas mil crianças das Catequeses e das Cruzadas Eucarísticas que com o seu ar de inocência e os seus vistosos trajes atraíam e prendiam as atenções. A colaboração piedosa e colectiva das crianças constituiu, sem dúvida, a dezanove anos de distância, uma justa reparação do retumbante desacato cometido por ocasião da quarta aparição, quando os três humildes e inocentes pastorinhos, Lúcia, Francisco e Jacinta, foram arbitrária e traiçoeiramente arrebatados a suas famílias pelo Administrador do Concelho e por êle levados sob prisão para Vila Nova de Ourém.

Para o bom êxito e esplendor desta encantadora romagem concorreu, em larga escala, a preciosa coadjuvação do numeroso grupo de rapazes da J. C. que, desde o dia 8, estavam fazendo os exercícios espirituais na Casa de Retiros do Santuário.

Cumpre ainda frisar que, por um vivo sentimento de compaixão pela nação nossa irmã e vizinha, actualmente vítima duma horrível conflagração social que tem espalhado a dor, a morte e tôda a sorte de ruínas materiais e morais no seu vasto território, o pensamento dos peregrinos volvia-se para a nobre e cavalheiresca Espanha, suplicando ao Altíssimo, por intercessão de Nossa Senhora da Fátima, a graça da paz e o remédio de tantas e tão grandes calamidades que a assolam.

E, para que o quadro ficasse completo, o nobre e ilustre Prelado que, segundo a declaração da vidente Lúcia de Jesus, protagonista das aparições, a Santíssima Virgem constituiu apóstolo das suas glórias e executor dos seus desígnios maternais, dignou-se presidir a todos os actos colectivos da peregrinação diocesana e a figura venerável do rev. dr. Francisco Rodrigues Cruz, cujas virtudes e zêlo incansável da glória de Deus e da salvação das almas, todo o país conhece e admira, subiu ao púlpito, à estação do evangelho da missa dos doentes, fazendo ouvir ao microfone a sua palavra cheia de verdade e de unção que é, como disse o rev. dr. Marques dos Santos ao apresentar o orador, a palavra de Deus.

A bela e gloriosa jornada de 13 de Agosto foi um índice sobremodo consolador dos grandes e admiráveis progressos realizados em pouco tempo no campo da Acção Católica da diocese privilegiada da Virgem a que o Ex.mo e Rev.mo Senhor D. José Alves Correia da Silva consagra o melhor do seu zêlo, do seu carinho e da sua actividade episcopal.

A procissão das velas

É a meio da tarde que, na véspera, se intensifica a afluência de peregrinos ao local santificado pela presença e pelas graças da gloriosa Rainha da Fátima. De todos os pontos do país acorrem os devotos da Virgem bemdita, tanto do norte como do sul, vindos em caminhetas ou pelo combóio.

As 21 horas, realiza-se a entrada solene da peregrinação diocesana de Leiria no vasto recinto do local das aparições sob a presidência de Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo. Desde o pórtico do Santuário até à Santa Capela, e em volta desta, pessoas de ambos os sexos e de diversas condições sociais arrastam-se de joelhos, em cumprimento de promessas feitas, muitas delas, em horas de indizível amargura.

São quási 22 horas. O recinto do Santuário e os edifícios que o povoam estão iluminados por um sem número de lâmpadas eléctricas. Vêem-se já muitas velas acesas em mãos de peregrinos. Os grupos que vão chegando dirigem-se à capela das aparições para saüdar a gloriosa Senhora. Um dêles, o da freguesia da Murtosa, acha-se rodeado de muitas pessoas atraídas pela beleza e maviosidade dos seus cânticos. Outro grupo, menos numeroso, o de Anta (Espinho), composto de 18 pessoas, entoa um dos hinos do «Manual do peregrino de Fátima». Diz assim a primeira estrofe:

«Em transportes de amor e de gôzo,
das cidades, da serra e do vale,
todo um povo aqui vem pressuroso
vosso povo fiel — Portugal»

Segue-se o côro, vibrante de sentimento e de harmonia, que, nos seus quatro versos, resume, em perfeita síntese, a doce e maravilhosa história do milagre da Fátima:

«Aos pastores a Virgem Maria
quis rasgar dos mistérios o véu
e hoje, em Fátima, a Cova da Iria
é um lindo cantinho do Céu».

Os assistentes ouvem atentos e enlevados, no meio do mais profundo recolhimento, êste piedoso tributo de louvor prestado à Mãe de Deus.

Entretanto chega a peregrinação luso-espanhola, verdadeira romagem de penitência e reparação, organizada e dirigida pelo rev. sr. dr. António Maria de Figueiredo, cónego da Sé Patriarcal de Lisboa e pároco da freguesia de S. Nicolau, da mesma cidade. As pessoas que formam êste grupo são em número de 120, aproximadamente.

Pela Cova da Iria circulam religiosos e religiosas de diversos Institutos envergando os seus respectivos hábitos.

As 21 horas e meia, começa a recitação pública e solene do

(Continua na 2.ª página)

Nota do Mês

Creio bem que Nossa Senhora, de entre tantos títulos gloriosos que os fiéis lhe damos, não há-de ter em menor conta ou estima o de «Rainha dos Mártires».

Se a dor não tivesse alguma faceta de sobrenatural beleza e formosura aos olhos de Deus, não teria ela — Maria Santíssima — levado uma vida de martírio superior a todos os demais santos que generosamente selaram com o seu sangue o testemunho da fé e amor a Cristo. Se, pois, Jesus é chamado «Homem de dores», *e como tal foi revelado aos profetas da Lei Antiga, também Sua Mãe Imaculada se pode dizer, com tôda a exactidão e justiça,* «Mulher de Dores», *não porque tivesse culpas a expiar, mas para mais se assemelhar ao modêlo de tôda a perfeição e santidade,—Cristo-Jesus, — para engrossar mais ainda o imenso património de graça com que Deus exornara a sua alma de virginal candura, e para que, sentindo em si as dores e aflições dos filhos, pudesse desempanhar com mais ternura a excelsa missão de* «Mãe dos Homens».

Na verdade, para que alguém possa compreender e suavizar as penas do seu semelhante, nada melhor do que tê-las experimentado antes. E, neste sentido, ninguém melhor que Maria está apto a ser, para a pobre humanidade acabrunhada de torturas e desterrada do Céu, alívio, doçura e bálsamo de consolação. Por Jesus e com Jesus, o seu coração sofreu tanto quanto era o seu amor por Êle. E, como êsse amor era imenso e superior ao de tôdas as criaturas, a sua dor, — ou antes — as suas dores, sobrepujaram as de todos os filhos de Eva.

A S.ta Igreja, devinamente assistida do Espírito Santo, alcançou desde sempre tôda a beleza e transcendente alcance do mistério das Dores de Maria Santíssima, e quis-lhe assim consagrar duas solenidade no ciclo do ano litúrgico: uma na semana da Paixão, e outra no dia 15 de setembro, do qual distamos apenas dois dias.

Acompanhemo-la nós, seus filhos, no tom doloroso e compungido com que celebra esta solenidade.

Ponhamos diante de nossos olhos bem acesos na luz da fé, essa «Estátua de dor», *modêlo acabado e doce alívio de quantos regressam do Destêrro à Pátria Bem-aventurada. Mestra em tôdas as virtudes, também o quis ser na difícil arte de bem sofrer.*

As mães, para quem tantas vezes a vida é um calvário doloroso e sem fim, devem contemplar essa outra Mãe, a caminho do Destêrro, em companhia do seu Jesus, nas aflições que lhe inundaram a alma, perdendo-O em Jerusalém, e sobretudo naquelas horas negras e infinitas passadas junto de Jesus moribundo.

Para os que sofrem, para os doentinhos que na Fátima erguem com tanta fé e resignação as mãos suplicantes para Maria Santíssima, implorando dela uma esmolinha de saúde, é ainda a Senhora das Dores um modêlo acabado e uma luz de singular brilho a iluminar a larga estrada do sofrimento, que é, afinal, o caminho mais curto para chegar a Deus.

Para todos nós, que somos seus filhos, continuará ela — a Virgem Dolorosa — a ser o nosso alívio, e as suas lágrimas, de mistura às nossas, darão celestial doçura ao nosso viver na terra. Esta a sua missão; êste o fim providencial das suas dores. O Salvador não nos podia legar coisa mais preciosa naquela derradeira hora do Calvário.

Fernão Pires

« PALAVRAS MANSAS »

VENTO DE ESPANHA

Queria escrever estas palavras em paz — na paz antiga e doce do meu gabinete de trabalho, sem horizontes, mas sempre pejado de livros, que começam a entristecer-me, porque tenho muita vez o pressentimento de que andam a despedir-se de mim. — Nunca mais voltarás a ler-nos!

Queria escrever estas palavras em paz, para elas não destoarem dos hábitos da minha pena. Mas o ruído enorme, o fragor tremendo dos acontecimentos da Espanha, inquieta e angustia. Não há isolamento possível. Vêm insistentemente até nós pelo telégrafo, pelo rádio, pelos jornais e até pelo relato dos estranjeiros, que fugiram de lindas e laboriosas cidades, investidas a ferro e fogo.

Escrever em paz?!... Que saüdosa recordação para quem o fêz algum dia!!

A piedade sem fé, como dizia Júlio Lemaître, a sciência sem Deus, a arte sem Deus, a cultura sem Deus, o capital sem Deus, o trabalho sem Deus, o progresso sem Deus, que tanta vez encontraram, nas esferas do poder cumplicidades e estímulos, chegaram a uma fase pavorosa, em que já dão abertamente todos os seus frutos de perdição e de morte.

Não se brinca com o dinamismo das ideias, como se brinca com o sufrágio inorgânico e a retórica parlamentar. Uma ideia feita paixão, feita carne e sangue, como dizia Oliveira Martins, uma ideia muito supostamente redentora, posta a circular livremente num ambiente cada vez mais favorável, acaba por ter, em determinados sectores sociais, incultos e simplistas, um ímpeto cego e uma violência brutal. Não há razões contra ela, razões que valham contra as suas promessas e as suas utopias. Quem ousar contradizê-la, em dias de febre e de revolta, lavra talvez a sua sentença de morte.

Ideia em marcha por todos os caminhos e por todos os despenhadeiros, *querendo* com uma energia de aço, mas sem dizer claramente o que quere, para ter mais nublosidade, mais mistério e, portanto, mais sedução...

Dizei a Bossuet, que volte a prègar em Paris, mas agora a um auditório constituído por homens escravizados à ideologia dogmática, intangível de Marx e de Lenine. Podeis chamá-lo, que o sol do seu génio, mais ainda do que o sol de Filipe II, ainda se não pôs nos seus estados...

O grande orador voltará como foi sempre, maravilhosamente belo na palavra e na atitude.

Mas as suas razões eternas encontrarão diante de si espíritos deformados por tôdas as propagandas anárquicas e dissolventes.

O camarada Thorez será certamente mais feliz a dizer, num esbracejar de contenda, de batalha, cousas que lisongeiam e embriagam o povo.

E pensar a gente que têm estátuas na praça pública e nomes nas esquinas das ruas miseráveis que, com a palavra, a pena e até com a vara do poder na mão, serviram por igual a desordem das ideias e a materialização dos costumes!

Por estreiteza de vistas, por pouca ou nenhuma fé, por conveniência política? Por tudo isso e, em certos homens de govêrno, por um maquiavelismo tortuoso, que perde, mesmo quando dá a impressão momentânea de que aproveita e salva...

Ainda há bem pouco tempo, tôda a vida pública portuguesa estava abertamente orientada no sentido do bolchevismo. Estado sem Deus, justiça sem Deus, ensino sem Deus... É o caminho, o caminho em linha recta...

Já não pode haver ilusões mais

(Continua na 3.ª página)

BATALHA — 14 de Agôsto — Sua Excelência o Senhor Presidente da República tendo aos seus lados Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor D. José Alves Correia da Silva, Venerando Bispo de Leiria e Suas Ex.cias os Senhores Presidente do Conselho e Ministro da Guerra Dr. Oliveira Salazar e Presidente da Assembleia Nacional dr. José Alberto dos Reis, autoridades, etc.

Fala um médico

V

O sono

Depois da actividade de algumas horas de trabalho, todos os órgãos do nosso corpo ficam esgotados e carecem de um período de repouso funcional. A interrupção reparadora das funções de relação é absolutamente necessária, pois que a privação do sono, segundo experiências feitas em animais, acarreta mais ràpidamente a morte do que a fome.

Não é ainda bem conhecida a causa da intermitência das funções cerebrais que constitue os estados de vigília e de sono. Mas a observação de todos os tempos notou que o verdadeiro equilíbrio da vida humana consiste em trabalhar de dia e dormir de noite.

A velha Escola de Salerno, que, na Idade Média, precedeu a fundação das Universidades, ensinava que convinha a gente levantar-se às cinco horas, almoçar às nove, jantar às cinco da tarde e deitar-se às nove da noite. Meia noite se chama às 12 horas da noite ou 24 horas; quere dizer que essa hora deverá corresponder à metade do tempo do nosso repouso normal.

Infelizmente, as condições da vida moderna tudo alteraram.

Só os lavradores, os militares e os colégios mantêm o hábito salutar de «deitar cedo e cedo erguer». A refeição principal, o jantar, tomam-na os camponeses ao meio dia, e, ao pôr do sol, ingerem o último alimento, uma ceia frugal.

A gente das cidades, por via de regra, alterou por completo as suas normas de vida. Mudou as horas e até os nomes das refeições: à comida do meio dia passou a chamar, à francesa, o almôço e à refeição da tarde, em vez de ceia, dá o nome de jantar, que se realiza a horas cada vez mais tardias.

Diz-se que os grandes costureiros de Paris, inventores das modas, por vezes atentatórias do pudor, são judeus, que se servem dêsse meio para destruir a moral cristã. Não me repugna crer que os fabricantes de fitas cinematográficas sejam também pessoas empenhadas em acabar, diabòlicamente, com as mais recatadas virtudes da Mulher.

Vou raríssimas vezes ao cinema e, quando compareço a um dêsses espectáculos, sempre me revolto ao ver a meu lado senhoras casadas a assistir às mais ignóbeis scenas de adultério, meninas solteiras a ver e a ouvir episódios ofensivos da sua pureza, crianças em perigo de manchar a sua inocência...

No dia seguinte, as pessoas que assim perderam a noite estão incapazes de trabalhar.

Uma das principais causas da crise económica e moral que a humanidade está atravessando é, certamente, a leviandade com que se perdem as noites em espectáculos sem arte nem moral, em vez de se aproveitarem no repouso legítimo e reparador.

Que felizes nós seríamos se ainda houvesse o hábito de passar bem a noite, na cama, e se, ao romper de alva, nos levantássemos, como fazia o meu velho Avô materno, e descêssemos para o trabalho, a esfregar os olhos e a murmurar a oração:

«Bemdita seja a luz do dia,
Bemdito seja Quem a cria!...»

P. L.

VOZ DA FÁTIMA

A «Voz da Fátima» é a publicação periódica portuguesa de maior tiragem.

Em Julho de 1936 tirou 364.844 e em agosto 367.255 assim distribuídos por dioceses:

	Julho	Agôsto
Algarve ...	5.893	6.055
Angra.. ...	19.154	19.636
Beja... ...	4.448	4.514
Braga... ...	78.848	79.660
Bragança...	12.309	12.342
Coimbra ...	17.806	17.906
Évora.. ...	4.900	5.000
Funchal ...	19.525	19.525
Guarda. ...	29.739	29.581
Lamego. ...	11.204	11.537
Leiria... ...	16.148	16.483
Lisboa.. ...	10.650	11.012
Portalegre.	9.759	9.728
Pôrto... ...	57.883	58.845
Vila Real...	34.014	33.994
Viseu... ...	11.117	11.119
	343.343	346.937
Estranjeiro.	3.795	3.795
Diversos ...	17.706	16.523
Total ...	364.844	367.255

NOTA: — A *Voz da Fátima* é uma das maiores graças concedidas por Deus à nossa terra.

Grande quanto à tiragem.

Grande quanto à influência e efeitos.

Grande quanto ao próprio movimento e trabalho que se exerce à sua volta.

Segundo a nota das despesas que vai na segunda página, o total do dinheiro gasto até hoje já passa de mil contos!

E tudo isto no espaço de 15 anos e feito com esmolas mandadas para o querido jornalzinho.

Demos graças a Deus e trabalhemos de cada vez com mais ardor pela extensão do Seu Reino.

A «Voz da Fátima» na Exposição Mundial da Imprensa Católica na Cidade do Vaticano

Do nosso prezado colega «Novidades», de Lisboa, de 16 de Agôsto p. p., transcrevemos com a devida vénia parte da magnífica entrevista concedida por Sua Ex.ª Rev.ma o sr. D. Teodósio Clemente de Gouveia, Venerando Bispo de Leuce e Prelado de Moçambique, sôbre a nossa representação nesse importantíssimo certame que é a Exposição Mundial da Imprensa Católica.

«Na parede do fundo, pôs-se em justa evidência a formidável expansão do jornal «Voz da Fátima» que tira, como se sabe, cêrca de 400.000 exemplares. Ao alto, uma bela visão de N.ª Senhora da Fátima, elevando-se sôbre uma soberba reprodução do Mosteiro da Batalha, padrão imorredoiro das lutas pela nossa independência e que, pela sua vizinhança da Cova da Iria, tão intimamente se prende com o culto de Nossa Senhora da Fátima.

Aos pés dêsse maravilhoso quadro foram gravados, a caracteres vermelhos, os nomes de tôdas as dioceses de Portugal, com a indicação do número de exemplares da «Voz da Fátima» nelas distribuídos.»

CRONICA FINANCEIRA

PELO DOUTOR PACHECO DE AMORIM

Lente da Universidade de Coimbra

Nota — *Temos o prazer de publicar o primeiro artigo do ilustre professor da Universidade de Coimbra e deputado da Nação sr. dr. Pacheco de Amorim. — Publicista e abalizado economista, a sua colaboração vem aumentar o valor da* Voz da Fátima.

Agradecemos e bemvindo seja!

Começarei os meus artiguinhos para a «Voz da Fátima», bordando algumas considerações sôbre os tristes acontecimentos que se estão passando na vizinha Espanha.

A primeira coisa que impressiona nestes grandes sucessos, é a primazia que nêles têm as *ideias*.

Não se trata duma luta de pobres e ricos. Do lado dos marxistas há grandes fortunas e grandes rendimentos. Se para um lado pusermos todos os marxistas e apaniguados e os respectivos haveres e rendimentos, e do outro, os que os combatem, as médias das fortunas hão-de ser sensìvelmente iguais. Pelo lado dos marxistas está a maioria do operariado, mas o operariado industrial está muito longe de representar a pobreza. Os operários industriais estão por vezes mais bem pagos do que o funcionalismo público e disfrutam de mais lucros do que o pequeno lavrador, ou pequeno negociante. Não têm comparação os salários do operário industrial com os dos trabalhadores rurais, nas regiões de pequena propriedade. Ora o trabalhador rural destas regiões é ordeiro e pacato, e pegaria fogo ao primeiro bolchevista que lhe apparecesse e se mostrasse tal qual é.

A luta não é, pois, entre pobres e ricos, nem entre nobres e plebeus, mas entre duas mentalidades opostas, entre duas religiões—cristianismo e paganismo.

Basta ver a sanha, a diabólica fúria com que os marxistas assassinam os padres, os religiosos e os simples fiéis; a raiva satânica com que incendeiam as igrejas e até desenterram os mortos, para se ver que o que êles querem matar é a religião, que a quem êles atacam é à Igreja.

A Igreja que foi a mãe da civilização em que vivemos, é também o seu sustentáculo, o seu amparo e o seu guia. O marxismo sabe muito bem que para destruir a civilização actual, precisa primeiro de destruir a Igreja e nisso porfia.

Mas vãos serão os seus esforços porque as portas do Inferno não prevalecerão contra Ela!

Podem assassinar padres que nem por isso acabará o clero. Podem incendiar igrejas que a Igreja continuará de pé, firme como uma rocha. Podem desenterrar os mortos e pôr os cadáveres às portas das igrejas, como fizeram em Barcelona no Convento das Carmelitas! Com tais crimes só mostrarão a hediondez da sua alma e a perversidade do seu coração.

A desgraça da Espanha foi a descristianização duma parte da sua população. E diga-se em abôno da verdade que a descristianização começou por cima... São males que de longe vêm, mas que é preciso conhecer, para se lhes dar o necessário remédio. Não foram os *obreros* os primeiros a perder os sentimentos cristãos. Antes dêles se descristianizou uma boa parte da nobreza, para não dizer a maior parte. Muitos nobres e poderosos, perderam a fé e deixaram de praticar; e outros continuavam, por costume, com as práticas de religião, mas procediam na vida como verdadeiros pagãos. Foi o mau exemplo de todos estes que preparou o caminho às ideias comunistas e libertárias que levaram a Espanha à lastimosa situação em que se encontra.

O clero, por sua vez, também teve culpas e não poucas.

É preciso repetir e repetir muitas vezes que o povo nunca é o culpado. As culpas vêm sempre de cima. O povo, no fundo, é sempre vítima dos erros, quando não dos crimes, daqueles que têm o pesado encargo de o dirigir e educar. A ferocidade manifestada pelas hordas marxistas espanholas mostra que os dirigentes da Espanha, de há umas dezenas de anos a esta parte, não souberam ou não quiseram, cumprir o imperioso dever de educar convenientemente as massas populares.

O resultado aí o têm!

Praza a Deus que a terrível lição aproveite, não só à própria Espanha, mas também a nós, portugueses, e aos demais povos da Europa porque todos temos muito que aprender alí. Pode dizer-se que o *problema da Ordem* só em Espanha foi posto no seu verdadeiro pé e essa é a maior lição que o mundo pode colher daqueles tremendos acontecimentos.

VISADO PELA CENSURA

ACÇÃO CATÓLICA

O espírito de fé

Chama-se espírito de fé àquela disposição da alma com que não só se aceitam as verdades reveladas por Deus, mas também, por um reflexo dessa disposição interior, tôdas as obras e pensamentos nascem dos princípios da fé, com a mesma naturalidade com que as acções habituais procedem dum hábito já adquirido. Esclareçamos esta tão salutar doutrina, com um exemplo:

Uma rapariga inscreve-se numa associação piedosa ou é admitida na Juventude Agrária Católica Feminina; assiste pela manhã à missa, faz as suas orações, a sagrada comunhão, e umas horas depois, ou à noite, ei-la, decotada, a dissipar-se num baile deliquescente, ou a ler romances maus, ou a assistir ao cinema imoral, ou a portar-se mal, ofendendo a Deus, manchando a sua alma com o pecado, e escandalizando o próximo.

De manhã dir-se-ia um anjo do céu esquecido na terra.

De tarde, ou à noite, procede em contradição com a fé que diz professar.

Tem fé? — Sim, tem.

Vive do espírito de fé?—Não.

O seu comportamento não é de cristã, e muito menos de Jacista digna dêste nome.

Porque viver a vida da fé, ter espírito de fé, é viver a vida de Cristo, em tôda a parte e sempre, e não na igreja sòmente; e viver a vida de Cristo nada mais é que sermos humildes e de coração puro; sofrermos com paciência as fraquezas do nosso próximo; cumprirmos com exactidão e pontualidade os nossos actos de piedade; sermos almas de oração, não nos esquecendo nunca da presença de Deus, de maneira que as nossas acções estejam sempre de harmonia com a nossa fé; viver a vida de Cristo é, em suma viver na graça de Deus, cumprir integralmente a mesma Lei de Deus. Vale mais um grama de acções do que toneladas de palavras, e no nosso apostolado o bom exemplo é tudo.

E porque a fé sem obras é morta, só vivendo verdadeiramente abrazadas no espírito de fé, e sendo raparigas de carácter e dignas, poderemos ser santas.

P. G.

A. M. D. G.!

A IGREJA

Vulgarmente dá-se o nome de «igreja» a qualquer simples templo público, onde os fiéis se reünem para honrar o verdadeiro Deus. Mas a significação mais completa e íntegra desta palavra, é que a Igreja é a figura invisível de Jesus Cristo sôbre a terra. Pode-se mesmo chamar-lhe a «mãe» de todos os cristãos, pois que ela ajuda à santificação e salvação das nossas almas.

O Verbo divino veio ao mundo, revestiu-se da natureza humana, ensinou durante 3 anos, sofreu, morreu e depois de ressuscitar, subiu ao seio do Seu eterno Pai, (tendo deixado já a santa Igreja fundada). Jesus desapareceu visìvelmente, mas ficou connosco vivo e verdadeiro, embora não visível, e permanecerá até à consumação dos séculos, porque Ele disse que a Igreja seria perseguida, os seus filhos maltratados, mas Ela de tudo triunfa e triunfará!

Todos os seus filhos devem ser dóceis e obedientes à autoridade eclesiástica, que foi instituida pelo próprio Deus.

Nêste século, em que a fé está tão enfraquecida, é necessário que nos esforcemos em entranhar bem no nosso coração o que nos ensina a santa Igreja Católica. Aí encontraremos sempre os meios precisos ao ressurgimento da piedade cristã.

A religião católica é a **única** verdadeira!

Alfacinha

Na Mão de Deus

D. Belarmina Capello Franco Castello Branco

Na sua casa de Perovizeu, faleceu no dia 31 de Julho passado a Ex.ma sr.a D. Belarmina Capelo Franco de Castello Branco, mãe da nossa querida Presidente Geral.

Foi Deus servido roubá-la aos carinhosos desvelos de suas filhas, após uma dolorosa e prolongada doença.

A todos, que tiveram o prazer de conhecê-la, pela sua bondade e simpatia, deixou uma profunda saüdade, e os pobres da sua terra, de quem era a providência, choraram-na como uma mãe!

A tôdas as Jacistas lembro o dever de gratidão, para com a nossa Presidente Geral, de oferecerem orações, missas e comunhões por alma da saüdosa mãe da nossa tão dedicada e zelosa Presidente Geral.

Maria Adelaide de Cisneiros e Faria
Secretária Geral da J. A. C. F.

Cartas Jacistas

Minha boa e saüdosa Menina

Gosto muito de lhe escrever mas desta vez sinto-me deveras atrapalhada ao lançar mão da pena. É que... valha-me Deus! há coisas que custam a dizer. Sabe o que é, menina Mariazinha? Volta de casamento...

A menina lembra-se do José Bernardino que costumava trabalhar lá na quinta dos seus paizinhos? Andou na tropa muito tempo, eu já mal o conhecia, e veio há coisa de um mês.

Logo nessa semana calhou eu ir à feira, com a minha mãe, e êle lá andava mais as irmãs. Viemos todos juntos, conversámos, a gente a rir, a lembrar-se de coisas antigas, mas à minha salvação que eu nem por sombras pensava o resultado que isto havia de dar.

Depois disso tenho-o visto muita vez, sempre com outras pessoas, à saída da missa, ou no trabalho, ou na fonte, e se calhava conversávamos, em bem de fala, já se vê, não era de estranhar. Mas agora na festa do S.to António, estávamos nas pedras do Adro um grande rancho de rapazes e raparigas e o Zé Bernardino veio para a minha beira e foi-me dizendo que queria casar comigo se fôsse da minha vontade, que não pensava senão em mim, etc.

Eu fiquei muito aflita e só lhe disse que era muito nova, que havia de pensar, e que não me tornasse a aparecer sem falar ao meu pai e à minha mãe.

Ainda julguei que o rapaz desanimasse mas veio logo cá.

Os meus pais não desgostam dêle, dizem que é filho de boa gente e não se importam que eu lhe fale, mas que pensasse bem, que esperasse mais algum tempo, etc.

Não sei o que hei-de fazer. Digo-lhe com tôda a franqueza, menina Maria, eu gosto do rapaz.

Mas andou tanto tempo por lá, nem sei bem o pensar dêle! Além disso eu vou a fazer 20 anos para o S. Miguel; antes dos 21 não me quero casar. Ora, não será tempo demais para namorar? Peço-lhe, minha boa menina que me diga o que hei-de fazer.

Olhe que isto até me tem feito perder o sono!

As minhas primas convidam-me para lá ir à romaria do Senhor da Serra e eu ainda lhe não respondi nem me apetece lá ir.

A respeito da Augustita, adoeceu com umas maleitas, não tornaram a pensar em ir para Lisboa. Esteve malzinha mas graças a Deus vai melhor. O pai até prometeu a N. Senhora da Fátima, diz que vão lá para outubro.

Com isto não enfado mais.

Deus a guarde.

Aceite muitas saüdades desta sua criada muito agradecida

Antónia

Minha boa Antónia

Muito estimei a tua carta e a grande novidade que me dás. Sim senhora! Para uma rapariga sossegada que não anda por bailes e por festas, não está mal apanhar logo à primeira o José Bernardino que deve estar afeito a ver caras bonitas! Lembro-me muito bem dêle quando era jornaleiro lá na quinta, um rapaz forte e alegre de quem o meu pai gostava muito porque «sabia de seu ofício e trabalhava com consciência». Por isso ao receber a tua carta fiquei bem contente porque era um rapaz de bons sentimentos e muito sensato apesar do seu feitio brincalhão, e espero esteja o mesmo, embora às vezes por fora da casa e sem amparo os rapazes percam as suas boas qualidades. Fazes bem em não lhe dares o teu coração sem veres bem como êle cumpre os seus deveres para com Deus, e para com o próximo. E se êle estiver um pouco esquecido dêsses deveres vai-o auxiliando a recordar a sua vida e as promessas da comunhão solene. Tu deves ser desde já para êle um anjo bom apesar de não aceitares já o namôro, no que te dou tôda a razão.

É preciso não gastar o tempo em trocar lencinhos e dizer baboseiras, mas procurar conhecer-vos um ao outro e amoldares o teu feitio ao dêle e êle o dêle ao teu. O casamento é uma coisa muito séria e o namorar também o é. O matrimónio cristão é a união indissolúvel e para sempre dos dois esposos: portanto a preparação para êste sacramento deve ser muito séria. Falaremos ainda sôbre isto. Entretanto, ajudando a tua mãe no arranjo da casa, vai-te preparando com cuidado para a grande tarefa que te espera. E reza, reza muito por ti, por êle, pela vossa vida futura que N. Senhor abençoará. Sem a graça de Deus nada podemos fazer bem feito nêste mundo e nós não queremos que a nossa vida seja para êste mundo, mas queremos com ela ganhar o céu não é verdade?

Quanto à ida à romaria para que te convidam as tuas primas, é preciso não esquecer que uma romaria é uma festa religiosa. Há tanta gente que lá vai só para se divertir e nem sequer reza uma Avé-Maria a N. Senhora e isto faz tanta pena! Por isso muitas vezes as romarias parecem festas pagãs e são festas cristãs. A vós, jacistas, compete dar aqui o bom exemplo. Fazei um grupo de raparigas sérias e ide para a romaria não a dançar, mas cantando versos a N. Senhora com tôda a alegria e entusiasmo da vossa juventude e também com todo o respeito, está claro. Mostrai com o vosso exemplo que servindo a Deus se goza a melhor alegria. Que não haja na romaria raparigas mais alegres e felizes do que vós. Algumas gostam muito de dançar, mas sei que por amor de Deus estão dispostas a sacrificar êsse prazer e maior que fôsse. São êstes pequeninos sacrifícios que nos alcançam o céu, e servir a Deus e amá-Lo deve ser a nossa maior alegria.

Adeus. Escreve-me, pois não sei ainda quando irei daqui. Saüdades a tôdas as jacistas e peço-te repartas com elas as lembranças que te mando. Abraço-te do coração.

Maria

Grupo de Santa Cruz

Foi com prazer que recebemos várias cartas de doentes pedindo para serem alistadas no «Grupo da Santa Cruz». Algumas que sabemos pertenceram a outros organismos, demos já o seu nome para que tratem directamente com a respectiva Zeladora. Às nossas irmãs jacistas vimos dizer que só em Outubro poderemos ter êsse serviço organizado, recebendo então directamente todos os esclarecimentos e indicações necessários.

Podereis ir mandando os vossos nomes e endereços bem legíveis.

Contamos com as vossas orações e o oferecimento dos vossos sofrimentos de uma maneira particular pelas intenções da J. C. F. sempre aqui indicada e em desagravo pelos pecados cometidos nas praias e o bom êxito da campanha que nesse sentido a J. C. F. empreendeu e graças a Deus, já se começam a ver os frutos em alguns lugares. Mas sobretudo rezai e sofrei pelas intenções da nossa J. A. C. F.

A Direcção Geral

Secção Recreativa

Sou pequena e redondinha
Sem ser ôvo de galinha.
Tenho camisa e casaco
Sem remendo nem buraco.
Estouro como um foguete
Se alguém no lume me mete.
O meu nome é uma pancada
E nasço duma risada.
Rebento constantemente
Na bôca do imprudente

(Castanha)

Pela luz da candeia,
Pelo azeite que nos dás,
Bem hajas tu, oliveira,
Velho símbolo da paz.

Vida Jacista através de Portugal

DIOCESE DA GUARDA

Até que emfim tivemos a felicidade de realizar o 1.º retiro espiritual da J. A. C. da nossa Diocese.

Teve lugar no Rochoso, de 14 a 18 do mês de agósto.

Devemos em parte êste grande benefício espiritual não só ao zêlo do Ex.mo Senhor Bispo Auxiliar, D. João de Oliveira Matos, mas também a Ex.ma Família Diniz da Fonseca, que, com tanta generosidade, nos recebeu na sua casa.

Para Suas Ex.as vão os nossos sinceros agradecimentos assim como também para o Rev.º sr. P.e Joaquim Alves Brás, que com tanto zêlo e fervor, lançou a divina semente nas nossas almas.

Reüniram-se cêrca de 70 jacistas.

No dia 18, em que terminaram os nossos exercícios, realizou-se, de tarde, uma entusiástica reünião de confraternização, a que presidiu a nossa querida Presidente Geral, ladeada pelo Rev.º Conferente, pela sr. D. Cândida Diniz da Fonseca, e pelas presidentes locais da J. A. C. F. do Ferro e do Cortiçô da Serra.

Fêz um discursozinho a secretária do núcleo do Ferro, houve recitação de várias poesias, entremeadas de cânticos, e no final o Rev.º Conferente disse-nos palavras de incitamento a bem cumprirmos os propósitos feitos e a sermos no nosso meio verdadeiras apóstolas da Cristo-Rei.

Assim será, pois que, pela graça, verdadeiramente «Cristo vive em nós» e com Êle estamos armadas para a luta.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Venha a nós o vosso Reino!

Uma Jacista

Leitor:

Vamos a saber, quantos Cruzados já inscreveste?

Ou não te interessarás pelo bem da tua Fé e da tua Pátria!

Olha para a Espanha, «vê as barbas do vizinho a arder»...

Chefes de trezena

Como sabeis, a entrega das cotizações dos Cruzados deve fazer-se de quatro em quatro meses: no principio de Maio, de Setembro e de Janeiro.

Não esqueçais, pois, que estamos em Setembro!

CRONICA

(Continuação da 1.ª pág.)

têrço do Rosário. O rev. dr. Marques dos Santos preside à êste acto junto do microfone. Segue-se depois a procissão das velas que tem o seu início na esplanada em frente do Albergue dos doentes. É impossível fazer a enumeração completa dos grupos de peregrinos que nela tomaram parte presididos pelos revs. párocos.

Tôda aquela multidão imensa, terminada a procissão das velas, reüne-se na esplanada em frente do pavilhão dos doentes. É nesse momento que os peregrinos, como que impulsionados por súbito entusiasmo, cantam o *Credo*, em unisono, dando assim testemunho público, solene e vibrante, da sua fé e da sua piedade.

A adoração nacional

É já meia-noite. No altar do pavilhão dos doentes, expõe-se solenemente o Santíssimo Sacramento. Começa o turno da adoração nacional. Reza-se o têrço dos mistérios gozosos. Nos intervalos das dezenas, o venerando Prelado de Leiria sobe ao púlpito e prega, junto do microfone, sôbre o mistério que se vai meditar. Antes de se dar início à recitação do têrço, profere um discurso vibrante e sentido que é escutado com a mais profunda atenção por tôda a assistência.

Das 2 às 3 horas, fazem o seu turno de adoração privativa as peregrinações de Setúbal e Vermelha; das 3 às 4, as de Enxara do Bispo e Carnaxide; das 4 às 5, as de Alfama e Alvorninha e das 5 às 6, as de Olival e Lourinhã.

A esta hora, foi dada a bênção geral com a Sagrada Custódia, terminando a exposição solene da Hóstia Santa.

Missa e Comunhão

Às 4 horas, começam as primeiras missas nos diversos altares do Santuário. Às 6 horas, é a missa da comunhão geral distribuida por 25 sacerdotes. A missa e a comunhão geral são aplicadas em sufrágio da alma de D. Maria Belarmina Capello Franco Pinto de Castello Branco, mãe da presidente geral da J. A. C.

Das 6 às 10, têm as suas missas privativas, de meia em meia hora, as peregrinações da Lourinhã, Vermelha, Luso-Espanhola, Pataias, Setúbal, Mafra, Murtosa, Enxara do Bispo e Alfama.

Às 9 horas, Sua Ex.a Rev.ma o Senhor Bispo celebra o Santo Sacrifício para as crianças das Catequeses e das Cruzadas Eucarísticas às quais administra o Pão dos Anjos.

Exame catequístico e Côro falado

Depois das missas, realizaram-se dois números extraordinários da peregrinação diocesana de Agôsto: o exame catequístico, que foi objecto de particular interêsse por parte de grande multidão dos fiéis, e o côro falado que executaram centenas de rapazes e raparigas da J. C. e que constituiu um número de enorme sensação pela sua novidade e pela maneira brilhante como foi desempenhado.

A missa e a bênção dos doentes

Ao meio-dia, efectuou-se a primeira procissão com a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima, que os Servitas conduziram aos ombros no seu riquíssimo andor da capela das aparições para junto do altar exterior da Basílica.

O espectáculo, visto do alto da escadaria do Rosário, é cheio de beleza e de encanto. Tomam parte no majestoso préstito todos os grupos organizados de peregrinos, as crianças das Catequeses e das Cruzadas Eucarísticas e uma grande multidão de fiéis que formam alas ou seguem no couce do imponente e maravilhoso cortejo.

Colocado o sumptuoso andor da Virgem sôbre um pedestal do lado da Epístola, principia a missa dos doentes celebrada pelo rev. Cónego Manuel Nunes Formigão, a que assiste Sua Ex.a Rev.ma o Senhor Bispo.

Ao evangelho, o rev. dr. Francisco Rodrigues Cruz sobe ao púlpito e, ao microfone, profere uma alocução singela e despretenciosa que fala à alma e ao coração dos ouvintes e a todos impressiona e comove profundamente.

No fim da missa, expõe-se o Santíssimo Sacramento e, cantado um motete por um grupo de rapazes da J. C. sob a regência do sr. Prior do Juncal que acompanhou também a missa a *harmonium*, o celebrante deu a bênção com a Sagrada Custódia à inumerável multidão dos doentes que estavam deitados nas macas ou sentados em longos bancos cobertos por toldos, na vasta esplanada em frente da escadaria da Basílica. Em seguida cantou-se o *Tantum ergo* e deu-se a bênção geral com o Santíssimo Sacramento. Por fim, o venerando Prelado, de pé ao lado da escadaria, benzeu os objectos religiosos apresentados pelos fiéis e deu a bênção episcopal a todo o povo.

O «Adeus à Virgem»

Organiza-se o cortejo que reconduz a augusta Imagem de Nossa Senhora da Fátima ao seu altar na santa capela das aparições.

O júbilo e o entusiasmo dos peregrinos são indescritíveis.

Junto do pequeno templo-monumento, canta-se o adeus final. É a hora mais dolorosa e mais comovente de tôdas as que se passam na estância bemdita da Fátima, a hora derradeira da despedida. Vêem-se muitos olhos marejados de lágrimas.

O rev. dr. Marques dos Santos reza a fórmula da consagração à Santíssima Virgem. Sucedem-se os vivas e as aclamações. O entusiasmo da multidão redobra de intensidade.

Mas é forçoso partir. A custo as almas se soltam do doce enleio que as prende àquêle lugar de encanto, terra de mistérios, de graças e de prodígios.

Visconde de Montelo

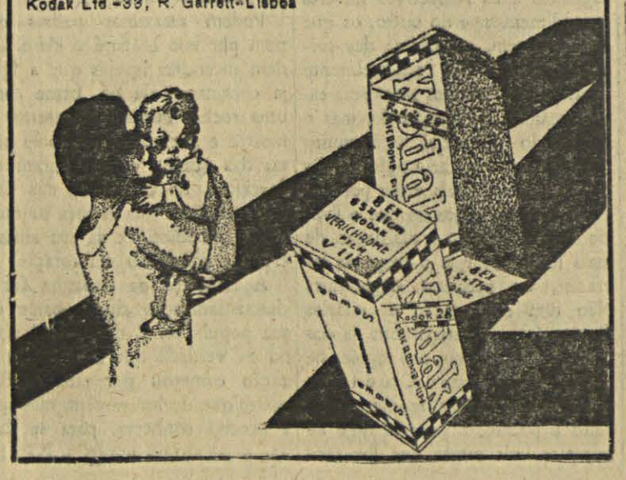
«FIX»
Cimento
Cola: louças, vidros, mármores; tapa buracos nas panelas, tinas, etc., resistindo ao lume, água fria e a ferver. — Só é verdadeiro o da marca **Gato Preto.**
Pedidos à agência Domus, Rocio 93, 3.º — Lisboa. Telef. 22382. À venda nas Drogarias, Província, Ilhas e África. Cada pacote 2$00.

FÁTIMA — PENSÃO CATÓLICA
DE
Engrácia da Assunção Covas
Os peregrinos que vão à Fátima em nenhuma casa ficam tão bem servidos, como nesta pensão que se encarrega de quartos e de comida.
Automóvel de aluguer marca Citröen, último modêlo.

Padaria Lamecense
Antigo Forno da Alegria de
M. S. Cavalaria & C.ª Suc.ros
Largo dos Aviadores
Telefone n.º 11. RÉGUA
Esta acreditada casa fabrica com higiene, asseio e esmêro, tôda a qualidade de pão de trigo, fino e de família, e broa.
Pastelaria, doces finos. Tudo com Produtos de 1.ª qualidade.
A nossa devisa é servir bem, para servir sempre.

PHOENIX
C.ª Inglesa de Seguros.
Máxima garantia às melhores taxas.
20 — Av. dos Aliados — Pôrto

Não compre ao acaso . . .
As fotos do vosso Bébé, são muito preciosas...
A PELICULA VERICHROME exclusivamente fabricada por Kodak, tem qualidades que a tornam insubstituivel, nas fotografias do vosso encantador Bébé: Rapidez, latitude de exposição, perfeita reprodução das côres...
Mesmo se estiver escuro, ou se o vosso Bébé dormir tranquilo sob a capota do seu carrinho, tereis a certeza de obter uma bôa fotografia se usardes VERICHROME.
Para que este resultado fôsse possível, Kodak fabricou esta sua Pelicula, com uma dupla camada de emulsões, suas exclusivas, que vos salvaguardam das diferenças de luz. Ao sol como á sombra tereis sempre bôas fotografias com
«VERICHROME»
(Pelicula de Kodak)
Kodak Ltd - 38, R. Garrett - Lisboa



Doentes! 100.000 livros gratis!
Um bom amigo ainda não lhe tem feito esta presente de uma coisa que era e é muito valiosa para si? Deixai também o CURA HEUMANN ser o vosso bom amigo; êle quer dar-vos o seu livro que trata de homens sãos e doentes. Êste livro contém coisas interessantes sôbre a maior parte dos padecimentos e sofrimentos corporais e indicações sôbre a maneira de evitar doenças, o seu tratamento e mesmo a sua cura. Ninguém está seguro contra doenças e devia estar contente de ter à mão um mentor, em que pode ter confiança. Só precisam mandar-nos o cupão em baixo com o seu endereço.
FARMACIA CUNHA, 16, R. da Escola Politécnica, 18
LISBOA

COUPAO N.º 43
Remeta-me grátis e sem mais despezas o livro HEUMANN, «O novo método de recuperar e conservar a saúde».
Nome .....
Morada .....
Concelho .....

VOZ DA FÁTIMA

Despesa

Transporte	986.376$06
Franquias, emb. transportes, etc.	8.887$65
Papel, comp. e imp. do n.º 167 (366.050 ex.) ...	20.575$05
Na administração	130$40
Total	1.015.969$16

Donativos desde 15$30

P.e António M.ª Alves — Macau, 180$00; José Almeida Cardoso — América, 50$00; Maria Côrte Real — Lisboa, 40$00; Maria J. Andrade — América, 111$60; M.el A. da Sola — Brasil, 15$00; Francisco Paixão — Carapito, 20$00; Augusta Ferrão — Carapito, 20$00; António Aug. Taborda — Carviçais, 20$00; António Aug. Apolinário — Carviçais, 20$00; Tereza G. da Silva — Braga, 20$00; Maria do Livramento — Senegal, 20$00; Clara M. Almeida — Brasil, 20$00; Carlos T. Almeida — Brasil, 20$00; Joaquim M. Lima — Coimbra, 20$00; Anónima de Cano, 20$00; Maria Marg. Almeida — Lisboa, 20$00; Natália de Sousa — Lisboa, 20$00; Maria de J. Mendes — V. N.ª de Barónia, 15$00; Sibila Fernandes — Arcos de Val-de-Vez, 30$00; Manuel Bulcão — Açores, 20$00; Júlio Marq. da Silva — Pôrto, 20$00; P.e Aug. da Costa — Alvorninha, 20$00; Laura Quaresma — Pôrto, 15$00; Engénia Gomes P.ª — Pernes, 15$00; Ana da C. Neves — Avanca, 15$00; Arminda Galdita — Murtosa, 50$00; Manuel J. Marques — Monte, 20$00; Rosa Herdeira de Jesus — Ovar 15$00; Joaquim Saro Negrão — Lourenço Marques, 30$00; Filomena Peurry — América, 22$50; M.ª Alves Monteiro — Açôrts, 15$00; Joana do Espírito Santo — Alvaro, 15$00; M.ª Pires Vicente — Lisboa, 30$00; Angelina Marçal — Póvoa, 20$00; M.ª Clementina Silva — Santos, 50$00; José Alves Pedra — Deuciste, 50$00; M.ª Vieira Vivo — América, 22$50; Tereza Freitas — América 22$50; João Nunes Pereira — Brazil, 30$00; António Andrade — América, 1 dólar.

VINHO BRANCO ESPECIAL PARA **MISSAS**
PEDIDOS A
ANTÓNIO DE OLIVEIRA
Aldeia Nova — Norte

UMA GRANDE VERDADE
As Sardinhas Sagrália são escolhidas e preparadas numa fábrica moderna, extraordinariamente higiénica.
São sardinhas especiais pelo seu tamanho e pelo seu delicado paladar. Têm um valor nutritivo extraordinário e constituem um alimento de primeira ordem.
Quando se prova uma Sardinha Sagrália, sem querer, irresistivelmente dizemos: Dá-me mais, dá-me mais, dá-me mais, dá-me mais, dá-
Verdade Verdade

Uma das nossas tarefas

Há mais de 80 anos, um missionário entrou por acaso numa loja de Nova Orléans (América do Norte), para fazer compras.

Estava lá um caixeiro de 18 anos de quem todos na casa gostavam muito.

O missionário meteu conversa com êle, e acabou por lhe dizer:

— E o meu amigo não gostaria de ser padre?

— Nem posso pensar nisso! Tenho de estar aqui prêso todo o dia, não tenho tempo para estudar.

— Então à noite, está livre. Venha a minha casa, e eu lhe darei umas lições zinhas.

O caixeiro de Nova Orléans veio a ser um dos homens mais importantes da Santa Igreja no século XIX. Foi um grande bispo, prègador e escritor, cujo nome é conhecido em todo o mundo: o Cardial Gibbons!

Quantos que Deus destina para Seus ministros, e que nunca lá chegam, porque não há quem os ajude, *quem lhes dê a mão*, como o nosso povo costuma dizer.

Uma das grandes preocupações dos *Cruzados de Fátima* — essa legião de apóstolos que há-de salvar Portugal — tem de ser precisamente *as vocações sacerdotais*.

É preciso orar muito por esta intenção e fazer sacrifícios por ela.

É necessário *andar com os olhos bem abertos* para não deixarmos de descobrir todos os rapazes que poderão vir a ser amanhã, santos sacerdotes.

Às vezes uma palavra vai chamar um mancebo para um mundo em que êle nunca tinha pensado...

Conta um dos mais ilustres Bispos franceses como e... que Deus o chamou.

Freqüentava um patronato, e um dia, o pároco — era êle pequenito — disse-lhe, *sem mais aquelas*: — Tu tens de ser padre, é preciso que sejas padre!

E foi mais do que padre, chegou a bispo!

Cruzados de Fátima, oremos e trabalhemos para que os nossos seminários tenham muitos alunos, que amanhã sejam santos sacerdotes!

Comeram tudo! Nem uma Sardinha de Conserva lhe deixaram!

A Sacra Oficina, Rua Luciano Cordeiro, 92-1.º Eq.do Lisboa, fabrica e vende directamente ao público imagens em madeira, marfim e massa.

Pedir sempre aos vendedores de jornais as «Novidades», porque se êles as não trazem, é porque não lhas pedem.

Como se rouba o céu, guiado por Nossa Senhora

POR J. G.

Segundo o costume dos anos anteriores o clero da diocese de Leiria reünia-se em exercícios espirituais de 6 a 12 de Julho.

Eram ao todo 47.

Deixando, por um pouco, as suas ocupações e ministérios, iam, aferverar-se e procurar novo ânimo, que a sua vida de sacrifício e trabalho contínuo exigem.

O lugar escolhido foi o Santuário da Fátima.

Feitos os cumprimentos, o retiro começava e todos entravam naquêle silêncio reparador que com razão se diz ser a alma dos exercícios.

Havia porém uma grande admiração que a um ou outro retardatário fêz quebrar o silêncio a preguntar a razão de tal facto:

Entre os exercitantes estava um sacerdote conhecido que havia 26 anos vivia em escândalo público e completamente secularizado e agora estava na Fátima com uma batina e cabeção que lhe haviam emprestado por caridade.

Como fôra ali parar?

Tempos atrás, tivera um ameaço de congestão.

Chamou o prior da freguesia para se confessar, mas êste, com tôda a pena e franqueza, disse-lhe:

— Eu não te posso fazer nada. Não te posso absolver emquanto não mudares de vida e repararés o escândalo que tens dado. Vê lá. Olha que tu, assim, vais direitinho ao inferno.

E foi êste pensamento, contou o próprio, que me fêz entrar dentro em mim.

O quê, eu ir para o inferno? Não. Eu quero salvar-me queio ir para o céu, custe o que custar.

Apenas melhorou foi de novo ter com o sr. prior e pediu-lhe que viesse e lhe dissesse o que tinha de fazer para se pôr bem com Deus.

E foi assim que se encontrou na Fátima entre os seus vélhos colegas, admirados e contentes de o ver voltar.

Passou o retiro duma forma edificante. Fêz a confissão geral da sua vida, rezava todos os dias o rosário inteiro.

No último dia, resolvidas já tôdas as dificuldades, e formado o propósito firme de mudança radical da sua vida, foi ter com o Senhor Bispo que o recebeu paternalmente e pediu-lhe se lhe dava a comunhão na missa do encerramento.

Disse-lhe que sim.

E na missa, à comunhão, o velho sacerdote como o filho pródigo do Evangelho, aproxima-se da mesa do Pai de que andara tão arredio.

Rezou de joelhos a confissão e disse diante de todos o *mea culpa*.

O Prelado então, comovido, volta-se e tenta explicar a sua alegria, com o regresso daquele pecador arrependido.

Umas palavras da parábola do filho pródigo...

O sacerdote soluça, ao Senhor Bispo embarga-se-lhe a fala e no silêncio recolhido da capela correm abundantes lágrimas de consolação e alegria dos olhos dos outros padres.

Nosso Senhor voltou de novo a habitar na alma daquele seu ministro.

Que alegria imensa o inundou desde então!

Não parecia o mesmo. Aos que mais de perto o tratavam confidenciava êle todo o seu júbilo.

No dia 13, o primeiro após a sua reconciliação, via-se-lhe no rosto estampada, a paz de alma que o Senhor lhe voltara a dar.

O fim

Passou um mês, um mês certinho.

Certas pessoas de meias tintas de catolicismo e outros que farejam escândalos, levaram muito a mal a caridade e zêlo apostólico do Prelado que soube perdoar.

Mas Nosso Senhor riu-se dêles.

Durante êste mês nunca mais voltou a casa e preparava-se para tomar o lugar a que a obediência o destinasse.

Chamou-o porém o Senhor.

No mesmo dia, um mês depois da sua nova primeira comunhão, após três ataques apopléticos, na presença do médico que lhe não poude valer, adormecia tranqüilamente no Senhor depois de, conscientemente e a seu pedido, se ter confessado e recebido a Extrêma Unção.

Aos nossos leitores, com curiosidade de saber como o Senhor se mostrou assim tão cheio de misericórdia, diremos apenas que, no meio de tantos desmandos, conservara sempre a devoção do têrço diário a Nossa Senhora e que, emquanto viveu e certamente do céu porque era muito cristã, a mãe pedira continuamente a Deus a conversão do filho querido.

Nossa Senhora não se esquece dos seus devotos nem ainda quando se perdem nos caminhos do pecado.

Aos que lerem a história de mais esta graça de Maria, pedimos que rezem pelo eterno descanso do P.e José da Silva e Sousa que Nossa Senhora da Fátima tão singularmente protegeu no último ponto da vida.

Palavras mansas

(Continuação da 1.ª pág.)

ou menos românticas e verbalistas. Os factos incumbem-se de dizer, com Leão XIII, que os direitos de Deus, e só eles, são o fundamento estável dos direitos da pessoa humana. A luz da mesma verdade, que tem hoje, mais do que nunca, um carácter nitidamente experimental, escreveu Le Play que a verdadeira constituição social, que tôdas as outras postulam, tem como base essencial, a observância do Decálogo eterno.

Desconhecidos os direitos de Deus, o homem fica inteiramente à mercê dos instintos e das paixões do seu semelhante que em dias de convulsão política e de guerra social, no dizer de Taine, é pura e simplesmente um *animal carniceiro*.

Mas o problema espanhol, tão alarmante, tem ainda uma dimensão, que importa lembrar e ter na devida conta.

Faz-se noite, apressadamente, no Ocidente europeu. As vozes que ainda invocam a Cristo são mais numerosas, imensamente mais numerosas do que as almas que o seguem fielmente no caminho da verdade, do dever e do sacrifício.

Andam cada vez mais inquietos todos os que sentem que estão também cada vez mais afastados de Deus...

Se a fé da Espanha, que ainda se diz católica, é fé morta, ou peor, fé simulada, e se, pelo que pode entrever-se através dos jornais, dos espectáculos, das modas, dos prazeres, há nos costumes uma moralidade suspeita, então na guerra civil espanhola, como diria Bossuet, Deus troveja lá do mais alto dos céus...

Castigo, flagelo, expiação—são palavras profundamente cristãs e dum sentido eterno.

Quando os povos as esquecem, tarde ou cedo, vêm os factos lembrá-las tràgicamente.

Há poucos anos ainda, visitei apressadamente uma cidade espanhola, fronteiriça. O desleixo, a desordem, a indisciplina foram-me seguindo até à linha da raia; para além, a regra, o arranjo e a ordem.

Pelas ruas da cidade, religiosos, padres, militares, homens de negócios, operários, num ambiente de respeito mútuo e de convivência amável. As igrejas davam confôrto e paz a quem nelas se acolhia e davam bênçãos e sombra a quem por elas passava.

À noite, veio quási tôda a população para a rua, com uma doce e comunicativa alegria de viver; nos cafés, onde os espelhos multiplicavam caprichosamente as luzes, animação e política; no meio da urbe, a catedral tôda entregue à sua reza de mistério, silêncio e tradição; e lá no alto, as estrêlas do céu de Andaluzia, lágrimas de Nossa Senhora...

A *cidade alegre e confiada*, de que falou Benavente, mas em vão, perfeitamente em vão, a todos os espanhóis...

Pois bem, a vida desta cidade, que eu conheci tão tranqüila e feliz, converteu-se agora num verdadeiro inferno.

Diz a Escritura que não há paz para os ímpios. E é bem certo. Não há paz para os ímpios nem para aquêles que se não ergueram a tempo contra a sua impiedade.

C. P.

Igreja de Santa Terezinha em LISBOA

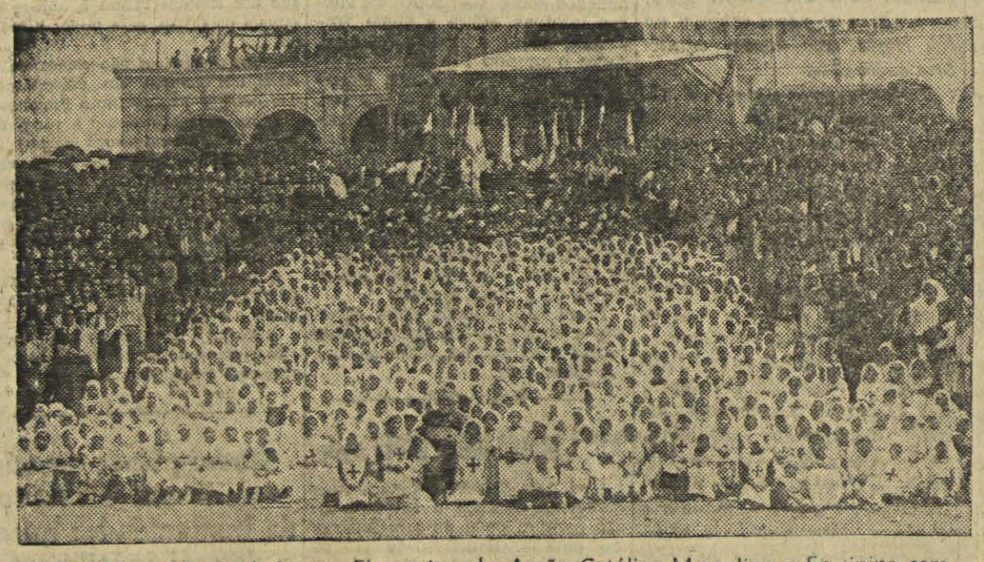
Continua com grande entusiasmo a subscrição em Lisboa para a construção duma igreja em honra de Santa Terezinha do Menino Jesus num dos bairros mais pobres de Lisboa.

Como já temos dito, trata-se dum monumento que deve merecer todo o nosso amparo, porque é um acto de justiça para com a Padroeira gloriosíssima das Missões.

O sr. ministro do Interior autorizou a subscrição em todo o país.

Ninguém deve dar nada, porém, que não seja em troca dos selos que estão em distribuïção.

Quaisquer donativos serão enviados à sede da Comissão — Travessa das Merceeiras, 8 r/c — Lisboa.



FÁTIMA — 13 de Agôsto — Elementos da Acção Católica Masculina e Feminina com as crianças da catequese no fim do côro falado.

Graças de Nossa Senhora da Fátima

Uma cura de tuberculose no Brasil (Estado de São Paulo)

Como o meu emprêgo era longe da família fui chamado no dia 4 de Janeiro de 1932 às 4 horas da madrugada anunciando-me que minha senhora tinha passado a noite muito mal.

Fui logo por casa do médico que já há alguns anos tratava dela e foi junto comigo. Chegando a casa, depois de rigoroso exame verificou que era uma pneumonia, dizendo que, no prazo de dez dias, ficava boa, e ficou melhor mas, mais tarde, apareceram novas complicações que a obrigaram a recolher à cama com frio, febre e dores de cabeça.

Fui chamado segunda vez no dia 26 de Fevereiro.

Chegado em casa falei para a filha que estava tratando dela que fôsse contar ao médico o estado em que se encontrava a doente.

O médico não receitou nada mas veio no dia seguinte recomendando que guardassem a urina e o escarro para eu, no dia seguinte, 28, levar ao seu consultório e ainda recomendou que não levasse comigo ninguém da família mas que fôsse só.

Lá fui no dia 28 e chegado ao consultório me mandou para o laboratório do sr. dr. Macedo, onde se procedeu à análise.

O dr. Macedo, sem me relatar nada mandou-me chamar o dr. Villalobos que era o médico assistente da dita enférma.

Apenas chegou foi logo examinar ao microscópio e começou logo a encolher os ombros e a torcer o nariz mas não me querendo falar nada.

Como eu insisti para que me fôsse relatado o que acontecia, me falaram.

Até hoje conservo isso na memória, que foi o maior desgôsto que em tôda a minha vida experimentei.

Fui logo repreendido pelos mesmos para que a retirasse da família para evitar o contágio, porque estava completamente tuberculosa, proïbindo-me de falar a ela o que acontecia.

Lá fui até minha pobre cabana. Chegado ao pé do seu leito de dores logo me preguntou o que acontecia mas eu só respondi: «Não era nada do que se julgava; você daqui a poucos dias está boa».

Mas como eu não podia contemplar um esqueleto que se achava só com o coiro e os ossos estendidos em cima da cama, naquêle tão triste dia 28 de Fevereiro de 1932, retirei-me para o meu emprêgo.

Como eu já naquêle tempo, possuía o livro de Visconde de Montelo que um amigo me tinha dado e eu tinha lido diversas vezes, por ter lido tantos milagres comprovados, resolvi pedir a Nossa Senhora do Rosário aparecida na Fátima, na Serra de Aire.

Logo naquela noite fiz a minha promessa de rezar o meu têrço em todos os dias durante a minha vida.

Fiquei tôda aquela noite em fervorosa oração.

No dia seguinte, primeiro de Março, depois de cumprir a obrigação pertencente ao meu emprêgo, fui ver o estado em que se achava a doente e já a encontrei assentada na cadeira. A minha comoção foi tão grande que não lhe pude dizer uma palavra.

Tinha defronte da casa um pequeno quintal, vi lá a filha que a tratava, dirigi-me a ela e preguntei:

— «Como a tua mãi levantou?»

A resposta foi esta:

«Eu mesma não sei falar o que se passou. O seu costume era sair às 7 horas e o Senhor saiu às 4 e ela ficou muito aborrecida por não lhe ter falado nada da doença dela. Mas quando chegou às 5 horas preguntou se tinha alguma coisa que comer.

Eu tinha um bocadinho de galinha e canja de arroz e lhe dei; pois comeu tanto que eu fiquei com mêdo de passar uma noite triste.

Já havia mais de três semanas nem comia nem dormia e, com a graça de Deus, esta noite dormiu tôda a noite.

Às 5 horas da manhã pediu a roupa para se vestir, dei, vestiu-se, tomou o café e lá está ainda assentada».

Eu ao ouvir esta resposta fiquei tão comovido que não sabia que responder.

Foi indo sempre a melhorar e em 13 de Maio dêsse ano foi ao médico que, ao vê-la ficou completamente admirado e logo falou que não foram as caixas de injecções que êle receitou que a puseram naquele estado.

Eu teria muito mais que falar sôbre as graças que tenho recebido de Nossa Senhora da Fátima que até me julgo não ser merecedor de tantas graças recebidas.

Junto vai competente atestado que me passou com muito boa vontade o médico e vai também o boletim da análise para melhor confirmar a graça que foi recebida.

A milagrada chama-se Rosa Antónia da Silva, portuguesa, espôsa de José Bernardino Lourenço também português, nascido e criado no concelho e bispado de Viseu.

ATESTADO

Attesto, sob fé do meu grau, que em Fevereiro de 1932 tratei da snr.ª Rosa Antónia Francisca da Silva e constatei sofrer a mesma de uma lesão renal de natureza tuberculosa. O exame da urina revelou presença de bacillos de Koch. A mesma curou-se em prazo relativamente muito curto — em 30 dias. Os exames subsequentes, revelaram-se negativos.

S. Paulo, 28-5-36.

Dr. A. Villalobos

BOLETIM DE ANÁLISE

São Paulo, 29 de Fevereiro, de 1932.

SEDIMENTO URINARIO

(Pesq. de Bacillos de Koch)

Da sr.ª D.ª Rosa Antónia Francisca, Clínica do sr. Dr. António Villalobos.

EXAME MICROSCÓPICO: — A urina centrifugada, e colorida pelos metodos de Ziehl-Neelson, revelou a presença de Bacillos alcool-acido resistentes específicos, em média de 4 por campo microscópico (Obj. de imm. 1/12 X Occ. comp. 4 KORITZKA).

Graças diversas

NO CONTINENTE

A Superiora Geral das Religiosas Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas, de Tuy, quere que aqui seja manifestado o seu reconhecimento a N.ª S.ª da Fátima por diversas graças espirituais concedidas às suas Religiosas.

* * *

Luís Alves da Silva — Vila Real, recebeu de N.ª S.ª da Fátima uma graça especial mediante uma novena feita em sua honra, favor que vem agradecer a N.ª Senhora da Fátima.

* * *

Uma Religiosa Dominicana de Braga, escreve dizendo o seguinte: «venho agradecer a N.ª Senhora da Fátima o socorro que me concedeu numa grande aflição concedendo-me uma graça espiritual e outra temporal das quais muito necessitava. Graças infindas a tão boa mãe pelos favores alcançados em benefício desta sua indigna serva».

* * *

Uma outra Religiosa Dominicana da mesma casa **de Braga,** diz em carta o seguinte: «Venho por intermédio da *Voz da Fátima* tornar pública a cura de uma doença de que sofria um sobrinho meu e que por intermédio de N.ª S.ª da Fátima alcançou a saúde. Julgo ser uma das maiores graças que êle recebeu em tôda a sua vida, pois que da sua saúde dependia a continuação da sua vida religiosa e sacerdotal. Graças infinitas a Jesus que por sua santa Mãe se dignou escutar os pobres pecadores.

* * *

Manuel Cerqueira do Rêgo, Conde da Lapa de Geraz do Lima, diz, em resumo, o seguinte: que ao descer de uma camioneta que julgava já estar parada, foi por esta arrastado debaixo da mesma numa distância de alguns metros ficando com ferimentos no rosto e no braço esquerdo.

Tais contusões provocaram-lhe uma alteração tal, que durante cêrca de três meses andou como que fora de si com grave perigo para a alma e para o corpo. Mediante a intercessão a Nossa Senhora da Fátima recuperou o seu estado antigo habitual com grande alegria para si próprio e para sua família e amigos.

* * *

D. Aurora Moreira Campos — Pôrto, diz que sua mãe estivera gravemente doente com um abcesso nos intestinos. O médico afirmava ser absolutamente necessária a intervenção cirúrgica para estirpar o mal. Em último recurso impetraram o auxílio de N.ª S.ª da Fátima e obtiveram a cura da doente sem que fôsse necessária a intervenção cirúrgica.

* * *

D. Emília Faria de Sousa — Barcelos, pede aqui seja publicado no Jornal de N.ª S.ª da Fátima o seu reconhecimento por uma graça temporal que lhe concedeu.

* * *

D. Maria Coelho — Calvaria, diz ter sofrido do coração há cêrca de 6 anos. Depois de ver que a medicina lhe não dava resultados satisfatórios, e tendo já feito todos os tratamentos aconselhados pelos médicos, recorreu a N.ª S.ª da Fátima a quem fêz suas promessas. Tendo alcançado sensíveis melhoras vem agradecer a N.ª Senhora a protecção que lhe dispensou.

* * *

D. Deolinda de Pinho — Pôrto, pede aqui seja manifestado o seu agradecimento a N.ª S.ª da Fátima por uma graça particular que obteve por sua intercessão.

* * *

Com pedido de publicação recebeu-se uma carta que diz o seguinte:

«... **Maria José Soares Marques,** de **Ceissa,** agradece à Santíssima Virgem a grande graça que lhe concedeu dignando-se atender a sua súplica feita em ocasião de grande necessidade».

* * *

D. Conceição Alves da Silva — Sandim, Gaia, agradece a N.ª S.ª da Fátima as grandes melhoras de uma grave doença que a reteve na cama durante dois anos, podendo já cumprir as suas obrigações de dona de casa, assim como já lhe fôra possível ir a Fátima agradecer pessoalmente tão estimável favor. Agradece ainda um outro benefício que lhe fôra concedido por intermédio de N.ª S.ª da Fátima e de S. Teresinha.

* * *

D. Engrácia de Jesus — Bajouca, Monte Redondo, tendo conseguido por intercessão de N.ª S.ª da Fátima a sua cura que pedia havia muito tempo, cura que em vão procurara na medicina, vem agradecer a N.ª S.ª tão grande favor que do Céu lhe veio por sua intercessão.

* * *

D. Joana Ferreira — Guimarães, depois de uma operação à qual se seguiu uma grave infecção obteve a cura que atribui à intercessão de N.ª S.ª da Fátima a quem fêz algumas promessas, entre outras a de publicar a graça da cura alcançada.

* * *

D. M.ª Sofia Leite de Faria — Vizela, diz: «agradeço a N.ª S.ª da Fátima uma graça temporal que me concedeu, a qual prometi publicar na «Voz da Fátima».

NA MADEIRA

D. Carlota de Jesus — Funchal, diz ter tido uma filha muito mal, com o corpo cheio de dores. Nada podia fazer e causava dó a quem a visse. Os médicos haviam-lhe dito que nada fizesse e que se alimentasse bem a ver se poderia durar mais algum tempo. Recorreu-se então a N.ª S.ª da Fátima e graças a ela, a saúde não se fêz esperar. Hoje, sem dores, trabalha e alimenta-se suficientemente para amparo de sua vida.

NOS AÇORES

D. Leonor do Cármo — Pico, diz: «Vendo-me muito aflita com uma febre gástrica recorri a N.ª S.ª da Fátima e, tendo sido atendida, venho por êste meio, muito reconhecida, agradecer a tão boa e santa Mãe, esta e várias outras graças concedidas a mim e a minha família.

Peço a fineza e esmola da publicação do que fica escrito no prégador das graças de Maria — «Voz da Fátima».

Peça pelo amor de Deus por um pai de família que vive em desordem...»

NO BRASIL

D. Luísa Castelo Branco — Redenção — Ceará, agradece uma graça que alcançou por intermédio de N.ª S.ª do Rosário da Fátima.

* * *

D. Joana Correia Lima — Fortaleza — Ceará, agradece a N.ª S.ª da Fátima o tê-la curado duma grave doença.

NA ÍNDIA INGLÊSA

A interessante revista «Our Lady of Fátima» que se publica em Cochin com o fim de espalhar o culto de Nossa Senhora da Fátima e «Her wonders in India» (as suas maravilhas na India) publica no número 11 relativo ao mês de Julho, p. p., uma série de graças obtidas por intercessão da Virgem Santíssima da Fátima.

Faltando-nos espaço para as publicar tôdas, traduzimos a seguinte:

Bengalore City 21-4-36

«O meu filhinho Joseph Manickaraja sofria duma bronco-pneumonia com as suas complicações. Fiz uma novena a Nossa Senhora da Fátima e dei-lhe algumas colheres da água miraculosa. Sentiu logo muitos alívios e ficou completamente curado.

A grande Senhora da Fátima seja bemdita e louvada em todo o mundo! Aceite as nossas pobres ofertas e rogue por esta família.

Dr. A. M. Doraiswamy Pillay

O culto de Nossa Senhora da Fátima

EM ANGOLA

A 80 quilómetrfos de Malange está situada a vila do *Duque de Bragança*, região interessante, de grande futuro, especialmente pelas quedas do rio Lucala que se precipita de-repente numa queda de 100 metros.

Esta povoação tem uma capela dedicada a Nossa Senhora da Fátima que o Senhor Bispo benzeu assim como a Imagem.

EM ESPANHA

O rev. Bonifácio Sedeño de Oro, Pároco de S. Ginés, em Madrid, um dos peregrinos que acompanhou o seu venerando Prelado à Fátima em Maio de 1935, na *Hoja Parroquial de S. Ginés*, número de 10 de Maio de 1936 publicou um belo artigo sôbre *Nossa Senhora da Fátima*.

Começa assim: «Só faltam três dias para que se complete o primeiro aniversário do piedosíssimo e comovente espectáculo que presenciámos no vizinho país de Portugal, juntamente com um selecto grupo da Juventude Católica Feminina na Fátima, lugar chamado com razão a Lourdes portuguesa, porque ali como em Lourdes e com características de exactíssima semelhança a Virgem Maria quis manifestar-se de uma forma que não deixa lugar a dúvidas, especialmente pelos frutos de santificação que constantemente se registam».

Relata, em seguida, as origens da devoção a Nossa Senhora da Fátima, descreve a fé ardente e ardor da penitência do povo português que desperta avassaladora ao impulso divino duma nova fôrça, a edificação que causa ver tantos homens descansando à sombra das árvores e em penhascos, arrastando-se de joelhos na lama, no pó, no solo cheio de espinhos e pedras, dormindo à intempérie só para irem rezar e fazer mortificações e alguns obter a cura das suas doenças, os milagres que se vão realizando...

Termina com os seguintes versos que transcrevemos na língua castelhana:

Yo me prostro reverente
I com plegaria ferviente,
Que me nace de la entraña
Digo a la Virgen clemente
Madre mia! Salva a España!

Sim, repetimos com todos os bons espanhóis e portugueses:

Virgem Santíssima, salvai a Espanha!

NA ARGENTINA

Transcrevemos, com a devida vénia, trechos duma carta que o Rev. P.e Luís Rodrigues, do Colégio Agustiniano, dirigiu de Buenos Aires ao Sr. Bispo de Leiria:

«É muito grande a devoção a Nossa Senhora da Fátima na colónia portuguesa desta cidade.

Quando se fundou a confraria, celebraram-se actos piedosos com a assistência de muitas famílias e a presença do Ex.mo Sr. Ministro de Portugal e sua família. Fui encarregado do sermão.

Fêz-se, em seguida, a procissão com um quadro de Nossa Senhora. Brevemente teremos uma imagem que já encomendámos de Portugal e será colocada em altar próprio na igreja de S. Vicente de Paulo. As despesas são custeadas por famílias portuguesas.

Quero também dar conhecimento a V. Ex.ª que no mês de Julho fundámos um *costureiro* com a invocação de Nossa Senhora da Fátima, como recordação do XXXII Congresso Eucarístico Internacional.

O fim desta obra é acudir às necessidades espirituais e temporais dos pobres da nossa colónia, promover casamentos religiosos e baptismos, recepção dos sacramentos especialmente quando enfermos, porque muitos, por morarem em bairros afastados, deixam-se dominar pela indiferença religiosa».

NA CHINA

Recebemos um lindo almanaque de suspensão, em chinês, dedicado a Nossa Senhora da Fátima.

No centro ostenta uma bela gravura da Virgem Senhora da Fátima com um resumo das aparições e culto.

Como esta devoção se tem espalhado muito na China, fazemos votos para que mais e mais se desenvolva.

NA ALEMANHA

Fátima em Friburgo de (Brisgovia)

A nossa amada Mãe consolou-nos também no mês de Julho com as suas bênçãos maternais.

Esta vez foi no domingo 12 de Julho, que estava fixada para as três horas da tarde a festa para os peregrinos forasteiros, a afluência foi tão grande, que muitos tiveram que voltar. S. Conrado é demasiado pequeno para nela caberem os muitos devotos que atrai o amor e veneração a Maria Santíssima. É o que provam também as muitas cartas que chegam de tôda a parte e falam da confiança que todos têm em Nossa Senhora da Fátima ou que põem aos pés de Maria o seu agradecimento pelas graças alcançadas. Vieram peregrinos de Breisach, Waldshut, Villingen, do vélho Mainz, e, da América, uma senhora alemã dirigiu-se com confiança a Nossa Senhora da Fátima. Mais de 200 pedidos e muitas cartas de agradecimento são testemunhas da confiança que, como um laço, une a todos que aqui vêem e que desejam ser também no futuro um núcleo de devoção nêste lugar. Mãe Santíssima, com gôsto vimos a vós, conduzi-nos ao vosso divino Filho.

Vida do Santuário

O retiro dos rapazes da Acção Católica da Diocese de Leiria

Segundo o costume dos anos anteriores realizou-se de 8 a 12 no Santuário da Fátima um retiro espiritual para os dirigentes das Juventudes de Acção Católica e elementos de outras em organização, da Diocese de Leiria.

Tomaram parte no retiro 164 rapazes.

Dirigiu o retiro o Rev. sr. P.e José Vicente Morgado ajudado pelos Revs. srs. dr. João Pereira Venâncio e dr. José Galamba de Oliveira.

No dia 9 de manhã os exercitantes tiveram a alegria de ouvir o sr. dr. Fernando Urculú numa explicação da natureza das Conferências de São Vicente de Paulo e exortação ao aperfeiçoamento de tão querida obra.

Durante os outros dias o tempo foi minuciosamente repartido entre os actos de piedade e sessões práticas a respeito da A. C.: ensaio de cânticos, resposta a inquéritos, sessões de estudo, explicação do programa da acção, etc.

No dia 12 veio Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo de Leiria jantar com os rapazes que o foram esperar ao portão principal.

De tarde houve uma sessão presidida pelo Senhor Bispo em que falaram vários rapazes e foi exposto a Sua Ex.ª Rev.ma o plano de trabalhos a realizar na Diocese, plano que houve por bem aprovar e abençoar.

No dia 12 à noite e no dia 13 de manhã procedeu-se no recinto da igreja em construção, ao ensaio em conjunto do *côro falado* que foi executado no dia 13 às 11 horas da manhã na escadaria que dá acesso à porta principal.

As despesas foram integralmente custeadas pela Junta Diocesana de Acção Católica.

O estado actual da organização da Juventude Católica na Diocese de Leiria é o seguinte:

Freguesias	55
» em que há a J. A. C.	19
» em que há a J. O. C.	3
» em que há a J. E. C.	1
» em que não há Juventude	35

Que Nosso Senhor se digne abençoar e fazer frutificar os bons propósitos tomados ali aos pés de Nossa Senhora da Fátima.

As raparigas da J.C.F. da Diocese de Leiria em retiro no Santuário da Fátima

Realizou-se em Fátima de 22 a 26 de julho passado um retiro para as raparigas da A. C. da Diocese de Leiria.

São sempre bemvindos estes retiros, nos quais se afervoram por igual as almas no culto da piedade e na prática da A. C.

Cristo vive em mim! tal é a divisa da J. C. F. e importa despertar, acender nas almas a vida cristã que faz os apóstolos e depois, sim, levar Jesus às almas e trazer as almas para Jesus.

Tal foi o fim do retiro espiritual dado às raparigas da A. C. no Santuário de N.ª Senhora da Fátima e assim o compreenderam também as próprias raparigas e suas famílias, pois,—apesar de se tratar duma época de trabalhos agrícolas intensos — acorreram à Cova da Iria a tomar parte no retiro 196 raparigas da J. A. C. F., J. I. C. F. e da J. O. C. F.

Ali permaneceram durante aqueles dias e justo é confessar que manifestaram o melhor desejo de aproveitar tão preciosas lições e ensinamentos, pois prestaram a maior atenção às meditações e práticas que lhes eram dirigidas.

Estas meditações versaram pontos fundamentais das verdades católicas foram feitas pelo rev. P.e José Vicente Morgado S. J. antigo missionário, emquanto que o Rev.mo sr. dr. Galamba de Oliveira, Director diocesano da J. C. fazia conferências sôbre Acção Católica, necessidade de sua expansão e métodos práticos de a exercer com eficácia, pondo nisto o seu saber de experiência feito e adquirido nas suas viagens de estudo. Interessantes, muito interessantes, mesmo, foram as conferências da Ex.ma sr.ª D. Maria da Soledade Mourão de Freitas sôbre a «Dignidade da mulher» e da Ex.ma sr.ª Dr.ª D. Ana Amélia Sousa Alves. sôbre Liturgia.

As Ex.mas e zelosas jotacefistas Graziela Zúquete e dr.ª D. Octávia Santos, respectivamente presidentes diocesanas da J. I. C. F. e da J. A. C. F. fizeram magníficas palestras sôbre organização do Secretariado e o pagamento de cotas e Maria João da Costa Guerra, presidente das Benjaminas de Leiria falou com muito agrado da organização dos grupos de Benjaminas.

No dia 25, à tarde, S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Bispo dignou-se ir ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima encerrar o retiro, dirigindo às raparigas da J. C. F. uma tocante alocução que deveras a todos comoveu. No domingo às 8 1/2 horas houve missa e comunhão geral, retirando as exercitantes para junto de suas famílias com a alma cheia das melhores recordações dêste retiro.

A Peregrinação de «Os Amigos de Santo António» do Pôrto, ao Santuário da Fátima

A Sociedade «Os Amigos de Santo António», com sede no Pôrto, promoveu e realizou nos dias 8 e 9 do mês passado uma peregrinação à Fátima, com o fim de pedir a conversão dos pecadores, o pleno ressurgimento de Portugal e a paz para o mundo sobretudo para a Espanha, a fim de que em breve se veja livre do terrível flagelo do comunismo.

Os peregrinos eram quási todos do Pôrto.

Vinham com êles vários sacerdotes e entre êstes os Revs. sr. P.e Nédio de Sousa, dr. Paiva Freixo e P.e António José S. Pacheco.

A peregrinação chegou no dia 8 à tardinha, vinda de Chão de Maçãs em camionetas e nesse mesmo dia à noite fêz a procissão das velas.

Durante a noite ficaram em adoração ao S.S.mo Sacramento.

De manhã conduziram em solene procissão a imagem de Nossa Senhora para a capela das confissões e assistiram à missa cantada que os sacerdotes peregrinos celebraram.

Às 11 1/2 estava terminada a peregrinação que decorreu muito bem e deixou ficar em todos muita saüdade.

Uma peregrinação de Braga a Fátima sob a direcção do sr. Governador Civil, Capitão Lucínio Freza

A gente do Norte não perde uma ocasião de demonstrar a sua fé.

Bem haja por isso!

No passado dia 14 por ocasião da gloriosa comemoração da Batalha de Aljubarrota, a delegação que de Braga veio até São Jorge e à Batalha não quis partir sem primeiro ir à Fátima saüdar a Virgem Santíssima.

Depois de fazerem as suas orações e de almoçarem, voltaram à Batalha donde regressaram ao Norte muitíssimo satisfeitos.

O QUADRO

— Que diacho estás tu fazendo com o nariz quási espetado no quadro! O guarda do Museu, já está desconfiado!

— Deixa-o estar! Cuida que quero estragar o quadro? Quero observá-lo!

— Ó menino, mas isso não é maneira de observar um quadro! Tôda a vida ouvi dizer: *pintura e peleja de longe se veja!*

— Pois eu tenho cá a minha maneira de apreciar êste belo quadro. Parte por parte!

— Isso é asneira de marca maior. Que demónio podes tu apreciar agora, com o nariz espetado na anca do cavalo dêsse guerreiro! Retira-te um bocado, para então, de longe, apanhares, com um olhar só, o belo quadro da grande batalha, com a disposição dos esquadrões, as posições da infantaria, da artilharia e as cenas que se desenrolam em todo o campo da luta. Agora aí, com o nariz a um palmo da anca do cavalo, que outra coisa podes ver senão o pêlo russo do animal?

— Mas é que eu depois da anca do cavalo, irei observando as outras partes do quadro, a uma e uma; é o processo que aprendi contigo.

— Comigo?!

— Sim, contigo! Não estiveste tu ainda ontem, na farmácia, a falar das fraquezas do padre Inácio e das hipocrisias da velha Vicência?

— Macacos me mordam, se eu te entendo! Pois êle tem lá alguma coisa que ver a vida do padre Inácio e da velha Vicência com essa estupidez de estares aí de nariz pegado a uma parte pequenina dum grande quadro, que é uma das obras mais belas de todos os tempos?

— Que tem que ver? Ora essa! Tem muito. Cuido que examinando bem o quadro assim, parte por parte, fico fazendo uma ideia exacta do todo.

— Parece incrível, que uma criatura inteligente como tu solte tamanha asneira!

— O que parece mais incrível é que te pareça asneira diante de um quadro o que tu achas bom, e fazes, diante de outro!

— Eu?

— Tu, sim! Olha lá: a Igreja Católica é a nossa terra? É a nossa pequenina igreja? É o nosso padre Inácio? É a velha Vicência?

— Não percebo aonde queres chegar com a pregunta.

— Já vais perceber. A Igreja Católica é só a pequenina parte que nós vemos dela na nossa terra, ou é um grande e soberbo quadro que apanha tôda a terra e todos os tempos?

— Agora já me parece que vou percebendo...

— Ah! Ainda bem. Já te parece que vais percebendo que tão asno sou eu pretendendo apreciar êste grande quadro espetando o nariz mesmo ao pé da anca dum cavalo, como tu pretendendo apreciar a Igreja Católica, pondo os olhos só na figurinha do padre Inácio — que não é mais do que um ponto do mesmo quadro — ou na figurinha da Vicência, — que nem religiosa é, é uma *beata*, que é como quem diz: moeda falsa da verdadeira religião...

Se queres fazer uma ideia exacta do grande quadro que é a Igreja Católica, tens de fazer o que me recomendavas há pouco: retirar-te um bocado, para apanhares o quadro todo... Então verás o que ela tem sido através dos séculos, o que ela é em todo o mundo, e verás como ela justifica as palavras de admiração que, em todos os tempos e em tôda a parte, arranca até aos que não são seus filhos, mas sabem ver o seu conjunto divino... Agora falar mal do quadro, só porque a sorte te pôs em frente e perto de um ou outro ponto, talvez escuro ou pouco belo, é, como tu mesmo disseste de mim, quando eu observava a anca do cavalo... uma estupidez...

— Tu és temível! Tens razão. Um padre mau ou uma beata falsa não servem para apreciar a Igreja...

— Exacto. Para apreciar bem é pôr-se a distância de poder ver todo o quadro maravilhoso da sua vida de dois mil anos... Então êsses pontos escuros desaparecem na esplendorosa maravilha do conjunto...

CRUZADOS de Fátima

Tínhamos ou não razão?!

Quando aqui temos afirmado repetidas vezes, que grandes males ameaçam o mundo, quando temos dito que é preciso desenvolver o mais possível e o mais depressa possível a *Acção Católica* — não terá faltado quem, sorrindo, nos chame exagerados ou diga que estamos a puxar água para o nosso moinho...

Mas hoje já ninguém poderá falar assim, de boa-fé.

Poucos dias depois de Sua Santidade o Papa Pio XI ter afirmado que o comunismo o preocupava gravemente e que constituia um perigo terrível para o mundo civilizado — a Espanha, mesmo aqui ao nosso lado, veiu dar-lhe plena razão.

O exército espanhol indignado por tantas vilezas que no seu país se vinham cometendo — e uma das maiores foi o assassínio cobarde e atroz do grande estadista e ardoroso patriota Calvo Sotelo — dispôs-se a salvar a Pátria.

Aliás sabia-se que no princípio de Agôsto devia rebentar a revolução comunista.

Os horrores, os sacrilégios de que a Espanha foi teatro, não nos permite a escassez do espaço contá-los miudamente; êles são aliás geralmente conhecidos — e muitos, o respeito, que nos merecem os nossos leitores, não consentiria que os relatássemos.

Quantas igrejas incendiadas, e entre elas vários dos mais belos edifícios da Espanha?!

De alguns templos, a fúria dos novos vândalos não deixou ficar pedra sôbre pedra. Registemos que numa região do sul, de quinhentas igrejas, apenas quatro não desapareceram!!

Sacerdotes, frades, religiosas sofreram torturas e vèxames a que teriam escapado, se tivessem ido missionar os selvagens do sertão!

Um verdadeiro inferno: até os beneméritos salesianos, da Congregação fundada por S. João Bosco, que, como todos sabem, se dedicam generosamente a ensinar artes e ofícios aos filhos dos operários — até êsses não escaparam.

Pessoas pregadas nas paredes, muitas só pelo crime de ser proprietários, regadas com gasolina, queimadas vivas.

Aquêles monstros humanos nem poupavam as criancinhas, martirizavam-nas, crucificavam-nas junto dos pais, e, depois de borrifadas de gasolina largavam-lhes fogo para que, ardendo, os queimassem também!!

Há aldeias onde pode dizer-se que só escaparam velhos, mulheres e crianças; numa terra quando o exército quís nomear a comissão administrativa do Município, teve de recorrer às mulheres, porque homens, já os não havia!...

As raparigas, as mulheres e as freiras sofreram atentados dignos daquelas feras educadas sem Deus nem Religião, a quem ensinaram que não há Céu e que é preciso gosar nesta vida o mais possível.

Se os demónios, saindo do Inferno, tivessem tomado forma humana, não teriam podido fazer pior, nem agravar com maior rancor a Santa Igreja e os seus ministros.

Nem os mortos escaparam: múmias, esqueletos e cadáveres em decomposição, de freiras, por exemplo, foram tirados das sepulturas e expostos aos insultos da populaça!!

O mundo poude ver com clareza — mais uma vez — que os *sem-Deus* são também os *sem-humanidade*, os *sem-civilização!*

Para pôr termo a êste aflitivo estado de coisas, e salvar um país à beira do abismo — o Exército teve de castigar sem dó nem piedade, arrastando de-certo alguns inocentes, e nem sempre podendo conter a justa cólera de homens a quem tinham chacinado os pais ou os filhos, violentado as espôsas, destruído a casa e os bens.

Luta, sangue, ruínas, miséria, riquezas que, muitas delas, nunca mais poderão ser restauradas: eis a obra do Comunismo, a tarefa satânica dos *sem-Deus!*

Aqui fica bem patente para onde caminham os povos que não ouvem a voz do Senhor, que guerreiam a Sua Igreja!!

O desrespeito das normas traçadas pelos Papas sôbre a «questão social» e uma propaganda bem organizada, que durante muitos anos foi minando as almas — a tal ponto conseguiram desorientar um dos Estados mais católicos que, como Portugal, descobrira mundos, e espalhara por êles o Santo Nome de Cristo!

Grande lição, formidável exemplo que precisamos de nunca esquecer!

Um dos mais notáveis pensadores do século XIX, que infelizmente não era católico, mas até chefe duma heresia, Taine, escreveu palavras memoráveis: «Em qualquer ponto da terra, sempre que a influência do Cristianismo enfraquece ou pára, dentro em pouco a sociedade transforma-se num matadouro e num lamaçal».

A Espanha bem no mostrou: um *matadouro*, que arripia, e um *lamaçal*, que causa nojo pelas imoralidades praticadas!

Ora é precisamente para que a influência do Cristianismo não diminua que o Santo Padre e os Nossos Venerandos Bispos organizaram a *Acção Católica*.

E os *Cruzados de Fátima*, com as suas orações e as suas esmolas é que sustentam a *Acção Católica*, Têm essa honra singular!

No século XII, tôda a Europa se levantou em pé de guerra, a alistar-se nas *Cruzadas* que afastassem para bem longe o grande perigo da moirama.

No nosso tempo também — **Deus o quere!** — se organiza a *Cruzada* da **Acção Católica** para nos livrar a nós e aos nossos filhos dos bárbaros modernos, muito mais temíveis e ferozes do que os antigos.

Já nos alongámos demais.

Terminamos com duas preguntas muito simples:

1.º — Ainda haverá quem nos chame exagerados por dizermos a cada passo que é preciso alistar mais *Cruzados*, muitos *Cruzados* e conseguir que êles paguem todos uma boa cota?!

2.º — Não haverá muitos Cruzados já inscritos que resolverão, embora com sacrifício de algumas comodidades, aumentar a sua contribuição mensal — convencidos de que os *grandes males* só podem curar-se com *grandes remédios?!*

Os "amigos" do povo...

Oremos pela Espanha para que os sofrimentos que a estão oprimindo lhe alcancem de Deus a graça de se arrepender dos seus crimes e de gozar ainda dias de mais paz e bem estar.

Os inimigos de Deus atacam com especial fúria a escola católica. *Emquanto tantos cristãos não ligam às suas escolas a mais pequena importância, a maçonaria e as alfurjas do comunismo sabem que ali é que está um dos maiores perigos para êles, é claro.*

É na escola que se formam as crianças: e é pelos jornais que se conserva ou se destroi o que se fez nas escolas.

Por isso, os nossos inimigos, voltam-se com ódio particular contra a escola cristã e contra o jornal católico: à escola, fecham-na, e ao jornal, assaltam-no, ou suspendem-no, como estão fazendo na Alemanha.

Mais uma vez como disse Nosso Senhor, *os filhos* das trevas são mais espertos que os filhos da luz».

Mas..., voltando atraz, o encerramento, em Espanha, das escolas religiosas, deu lugar a grandes dificuldades, ficando multissimas crianças sem professor.

Por outro lado, o govêrno teve de criar muitas escolas, o que traz enormes despêsas. É uma situação que nós também conhecemos, há 25 anos. Para perseguir a Religião e... *beneficiar o povo*, atira-se com milhares de crianças para o analfabetismo e aumentam-se contribuições para abrir escolas, porque o govêrno fechou as que não custavam cinco reis à nação! Ou não fôsse tudo para... *bem e alivio do povo trabalhador!...*

É interessante vermos o que se passou nalguns pontos da Espanha — e, como diz o povo, *pelos domingos, se tiram os dias santos.*

Assim, o Município de Salamanca teve de fundar 40 escolas, e mesmo assim ficam sem escola 2.260 crianças!

Em Teruel, projectou-se criar 18 escolas, mas são precisas 30.000 pesetas ou sejam 90 contos...

Em Mudela, 800 chefes de família protestaram contra o encerramento das escolas católicas.

É freqüente aparecerem estes protestos de que não se faz caso, porque quem manda... é o povo!

O inspector de Toledo já requisitou 60 contos para as primeiras despesas.

Um grupo de mulheres que andavam a recolher assinaturas de protesto contra êstes ataques à instrução, foram présas.

Não se podia admitir que andassem a dar ocasião a que o povo manifestasse a sua opinião — quando tôda a gente sabe... que o povo é soberano.

Deus dê aos bons espanhóis a graça de bem aproveitarem os trabalhos porque estão passando!

A «Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem de Portugal e aquela em que os anúncios são mais valiosos.

EXERCITO DA ORDEM

Agora que a Espanha é um mar de sangue, na desordem sangrenta que ali se desencadeou, todos os *Cruzados* devem, mais do que nunca, sentir orgulho de formarem neste país a maior fôrça da ordem.

De sete milhões de portugueses, quási quatrocentos mil recebem a *Voz da Fátima*, e cêrca de meio milhão, se é que não está já excedido êsse número, são associados desta grande união de paz. É muito. Nunca houve em Portugal uma tal fôrça organizada. Mas estamos longe ainda daquilo que deve ser. É preciso pensar nos milhões de portugueses, que ainda estão fora desta união, — e *fora* não quere dizer que sejam *hostis*, — mas quere dizer apenas, quanto à grande maioria dêles, que ainda a êles não chegou uma alma de apóstolo que lhes faça ver que neste momento não pode haver *indiferentes;* que o mal que a todos ameaça tem de ser conjurado por todos; que um pequenino esfôrço de cada um, assegurará a paz, a ordem, o bem-estar de todos.

Mas dirão: como se assegurará essa ordem, se a nossa fôrça não é uma fôrça armada — e a luta que se desencadeou em Espanha é luta de armas contra armas?

É preciso pensar nisto: que antes de alguém empunhar uma arma para se bater por uma ideia, foi preciso que essa ideia lhe entrasse no espírito, lho avassalasse e o excitasse a jogar a vida por ela. E a nossa grande fôrça evitará essa luta sangrenta, precisamente porque não deixará armar os braços de desnorteados por ideias perversas, pois pela difusão das ideias sãs evitará a difusão dessas ideias que levam à luta armada, à destruïção de vidas, fazendas, monumentos, à ruína de uma nação inteira.

Mas para que esta nossa luta sem sangue nem destruïções, para que esta difusão de ideias de ordem, justiça e paz sejam decisivas e fecundas, é preciso que se façam como se devem fazer, e que todos os que nelas tomam parte se convençam das condições que essa vitória exige.

E uma das condições, a principal de tôdas, aquela em que neste lugar, mês após mês, temos insistido sempre, é esta: — é preciso que cada *Cruzado* forme o seu espírito de conquista, gravando profundamente no seu espírito esta convicção: é preciso **atacar o mal onde êle existe** e onde êle existe não é nos quinhentos mil portugueses que já deram o seu nome e dão a sua quota mensal para esta cruzada. O mal está naqueles que, sobretudo nos arredores das grandes cidades, nas fábricas, nas oficinas, e, pelas províncias, nas minas e nas fainas agrícolas de certas regiões do país, vivem há anos abandonados, numa vida dura de que, durante anos e anos ninguém se importou, e que os tornou prêsa fácil para os semeadores de ideias de desordem social.

É preciso que a essa gente chegue a voz serena da justiça cristã, que lhes diga bem alto o que há quási meio século Leão XIII disse da condição dos operários; que lhes apresente o programa social cristão, que se não cifra em obras de *caridade*, mas em obras de *justiça*.

Não se creia que amanhã, serenada a tempestade em Espanha, tudo está remediado e se volverá a uma vida tranqüila, como se nada mais tivesse sido preciso para ela do que essa mortandade de incendiadores de igrejas e assassinos de proprietários, patrões, padres, frades e freiras.

Há na constituïção actual da nossa sociedade êrros e injustiças que é preciso eliminar, porque só depois de se eliminarem a vida dos povos se tornará normal, o capital, a inteligência, o trabalho, caminharão unidos na senda do progresso, assegurando que o mesmo sol não nasça cada dia para iluminar uns nos seus sumptuosos palácios, absolutamente despreocupados dos seus deveres sociais, e outros, ao lado dêles, nas espeluncas em que vivem, indignas de serem moradas de gente.

Quando todo o homem que trabalha — e todo o homem tem de trabalhar — acorde para a luta de cada dia com a certeza de que o seu trabalho lhe grangeará o sustento, para si e para a família, com a vida numa casa, modesta mas cómoda e sã, a assistência na doença, a segurança dos seus se a morte o colher prematuramente, o amparo na velhice e aquele quinhão de confôrto e alegria a que todos têm direito e que a sciência e a indústria hoje tão fàcilmente podem assegurar a todos — então não será já possível a nenhum doutrinador perverso, venha êle da Rússia ou donde vier, meter nessas cabeças ideias absurdas, instilar nesses corações sentimentos de ódio.

Mas a êsse estado social nunca se chegará pela fôrça das armas materiais. Chegar-se-á ùnicamente por uma larga difusão de ideias sãs, pela imprensa e pela palavra falada, e por uma grande inundação de amor do próximo, de amor cristão, porque não há outro fundamento para um verdadeiro amor do próximo senão na ideia de que todos os homens são irmãos, por serem filhos do mesmo Deus.

Esta é a grandiosa obra da nossa união: **atacar o mal onde êle existe.** Isto é: somos já quinhentos mil, seremos amanhã um milhão, e mais, a dar contentes a nossa quota para se ir aos meios descristianizados onde se estão fabricando feras, a levar essa doutrina que os trará a nós como irmãos — para juntos clamarmos a quem manda, como quere o Papa: **justiça e caridade!**

PARA VENCER

Quanto pode a organização

É possível que muitos não compreendam a importância e o poder da *união* e *organização*, que se está aí a prègar a cada instante.

São os nossos Bispos volta e meia a dizer:

Católicos, *uni-vos, organizai-vos* para defender os direitos de Deus, para dar a vida da graça aos que a não têm, para salvar as almas — e, com elas, a nossa querida Pátria!

São os jornais católicos a gritar o mesmo.

Os dirigentes da *Acção Católica* parece que não pensam noutra coisa — e têm razão.

União, organização — é o que se ouve.

Nada de divisões, de cada um a trabalhar para seu lado: é êste um dos principais segredos da vitória! — repete-se também a cada passo.

Ora, se pensarmos um bocadinho, é fácil reconhecermos que êstes conselhos e estas ordens são de toda a justiça.

Fazem mais cem homens unidos e organizados do que mil, desligados uns dos outros, a puxar cada um para seu lado!

Os inimigos de Deus, dos bons costumes, da paz e da independência dos povos, sabem-no às mil maravilhas, e não perdem tempo: vão reünindo organizando a toda a pressa as suas fôrças para fazer triunfar o Mal.

É também por meio da *organização* e da *união* que se resolvem muitas dificuldades.

Por exemplo, nos nossos dias é difícil arranjar comprador para o trigo e para o vinho.

Os lavradores *uniram-se, organizaram-se* para irem saindo da triste situação em que se têm encontrado.

Já estamos a ouvir alguns dos leitores a dizer-nos que, apesar disso não se vende, etc., etc.

Não podemos estar aqui a esmiuçar o assunto: limitamo-nos a declarar que, se não houvesse organização, as dificuldades seriam muito maiores, e muitos ficariam de-certo arruinados.

Dois grandes exemplos do que pode a organização são os *seguros* e as associações de socorros-mútuos, vulgarmente chamados *monte-pios*.

Ardeu a minha casa, mas como estava no *seguro* — êste dá-me o dinheiro para eu a levantar de novo.

Quanto paguei? Dez anos suponhâmos a quinze mil reis, gastei cento e cinqüenta mil reis. Quanto recebo? Uma porção de contos!

Sem a *união* e *organização* de muitas pessoas num seguro, êste belo negócio seria impossível.

Outro caso: pagando todas as semanas dez tostões para o *monte-pio*, eu tenho médico e remédios de graça, e ainda uma ajudazita em dinheiro, quando estiver doente.

Pago cinqüenta mil reis por ano — e posso receber benefícios no valor de um ou dois contos! Tudo efeitos da *união* e da *organização!*

É ainda pelo mesmo motivo que nas terras onde o *médico* faz o serviço por avença, eu tenho médico sempre que preciso, dando apenas dois, três ou quatro alqueires de centeio por ano.

Mas há outra coisa em que se vê ainda melhor, que a *organização* é uma verdadeira fada que transforma o mundo e torna a vida muito mais fácil.

Suponhamos que ainda não estavam organizados em Portugal e no mundo os serviços de correio.

Se eu quisesse mandar um recado a um compadre meu que morasse a uma légua de distância, tinha de arranjar um *próprio* e pagar-lhe — sei lá! — uns dez tostões, pelo menos.

Pois, em virtude de os serviços de correio estarem organizados, querem saber quanto se gasta para mandar um bilhete postal para Paris, para o Brasil, ou até *lá para o cabo do mundo*, na Indiá ou na China?! **Os mesmos dez tostões!!**

E se fôr para alguma das nossas colónias, mesmo das mais distantes, como Timor, ainda fica mais barato: **são apenas cinco tostões!**

A *organização*, realmente, é uma arma poderosissima. Repetimos: *fazem mais cem pessoas organizadas do que mil sem organização!*

Depois disto, *haverá algum católico que não queira entrar para os* **Cruzados de Fátima** *e para as associações da* **Acção Católica** — *que o Santo Padre e os Bispos* **organizaram** *para que Portugal se salve?!*

Não quereremos que o reino de Deus venha a nós?!

Y.

PARA RIR

O professor vai explicando a um aluno o nome que toma cada indivíduo em relação à profissão que exerce:

— O homem que vende pão é padeiro; o que vende leite é leiteiro, etc. Agora diga-me que nome se dá ao que vende carne?

O aluno muito senhor de si:

— É carneiro!

SALVEMOS A CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL

Unamuno, professor da Universidade de Salamanca, e um dos grandes propagandistas desde a sua mocidade, da República espanhola, escreveu há dias, indignado:

Eu vi os povos dos campos entregues, em parte, às sugestões de deliqüentes, amnistiados ou não, ou de doidos, o que é pior ainda. Vi a juventude educada no ódio, no rancor, na confusão delirante de supostas ideias. É preciso que nos levantemos, a esclarecer isto. Aqui tendes, pois, o vélho. Salvemos a civilização ocidental!

E como quem procura resgatar os seus erros, acrescentou com nobre energia:

Aqui me tendes, homens da Espanha! Aqui tendes um vélho, que está pronto, porque ama a Espanha, a retomar sôbre os seus ombros, já sem o vigor físico de outrora, o pêso de uma luta que enobrece.

E não se ficou em palavras: deu logo 5.000 pesetas (15 contos) ao Exército para as despesas da Revolução.

A pavorosa onda de anarquia, que se desencadeia sôbre o mundo, é devida a que muitos, que deviam ser chefes, o não foram.

Bessières

ACÇÃO CATÓLICA

O Arado

Orgão mensal da J. A. C.

Todos por cada um e Cada um por todos

Redacção: Campo dos Mártires da Pátria, 43 — LISBOA - N.

Perdoai-nos, Senhor!

Tendes acompanhado, queridos rapazes, as notícias do que se passou em Espanha com a revolução?

Muitos de vós talvez não, por não terdes outro jornal, a não ser êste.

O que se passou foi isto:

Estava no poder um govêrno quási bolchevista. Tantas fez e tantas deixou fazer, que o exército e o povo bom se revoltaram. Depois foi a luta. No momento em que escrevo, já dura essa luta há mais de um mês.

A maior parte da Espanha está já em poder do exército. A outra parte ainda está na mão dos comunistas.

O que se tem passado nas terras onde o comunismo reinou ou ainda reina (espero que já não reine em parte nenhuma quando lerdes êste artigo) é de pôr os cabelos em pé! Assassínios, homens, mulheres e crianças cortados aos pedaços, padres serrados como quem serra um pinheiro, crituras mortas à navalhada e à machadada, raparigas insultadas e violentadas, incêndios de igrejas com gente dentro para morrer queimada, gente pregada com pregos às paredes e depois regada com gazolina e queimada viva, crianças dependuradas das janelas, pelos pés, fusilamentos aos montes, cadáveres de religiosas desenterrados e expostos nos degraus duma igreja, religiosas obrigadas a passear completamente despidas no meio da canalha infame, destruïção, terror, incêndios, sangue e morte!!

Nunca se viram horrores assim, nem tanto ódio se espalhou jamais sôbre a terra. Como feras tudo arranjam! Piores do que feras, tudo desnedaçam com o seu ódio satânico.

Milhares, muitas e muitas dezenas de milhares de homens tombaram, ora no campo da batalha, ora massacrados, ora fusilados.

São de arripiar os relatos que os jornais fazem das scenas pavorosas que os jornalistas presenciaram! Nunca se viu tanta maldade, tanto banditismo, tanto horor!

Espavoridos, como loucos, os que fogem perderam tudo. O luto está em todos os lares, em tôdas as terras! Pobre Espanha!

Porque permite Deus tamanhos horrores? Que castigo descarregou a mão do Senhor sôbre a Espanha?

Queridos rapazes, o mundo merece o castigo.

Merece o castigo porque desprezou a lei de Deus! Merece o castigo porque blasfemou do Senhor! Merece o castigo porque se entregou à prática dos maiores crimes.

A impureza, os desmandos dos casados, a morte dos inocentes ainda no ventre de suas mães, o roubo, a exploração, a mentira, a vingança, o ódio.

O mundo perdeu a dignidade, a vergonha, o pudor.

A Misericórdia do Senhor estava cansada.

Êle é, porém, infinitamente bom e cheio de misericórdia. Êle terá piedade de nós!

Queridos rapazes, reparai a Justiça de Deus, ofendida. Pedi perdão a Deus pelos nossos crimes e pelos crimes dos pecadores. Que cesse de flagelar o mundo a espada vingadora.

Sêde bons e puros. Uni-vos na J. A. C. e lutai contra o comunismo que é o que se viu em Espanha.

Pelos frutos conhecereis a árvore.

Se o comunismo dá tais frutos, é porque a árvore é má, imensamente má.

Mas para vencer o comunismo, não basta falar contra êle. É necessário rezar e fazer penitência. Porque o comunismo é um castigo de Deus mandado ao mundo para punir a maldade dos homens.

Perdoai-nos, Senhor!

Moiros

Há uns tantos séculos, andâmos nós e os espanhóis em guerra constante com os moiros para os expulsar da peninsula e assim podermos cristianizar todo êste vasto território.

Guerras tremendas de anos e de séculos, lutando sob a bandeira cristã, morrendo-se aos gritos de S. Jorge e S. Tiago, pela fé cristã.

Foi contra êsses moiros pagãos, que perseguiam tudo o que era cristão, que nós e os espanhóis praticâmos verdadeiros actos de heroismo. Palmo a palmo conquistâmos o seu território para o dar a Cristo.

Como as coisas se mudaram, meu Deus!

Hoje são os descendentes dêsses moiros, moiros também, que deixam a sua terra para vir derramar o seu sangue em defesa do cristianismo, em defesa da civilização cristã, naquele território que outrora foi dêles.

E podem orgulhar-se de terem contribuido poderosamente com o seu esfôrço heróico e valoroso para a vitória dos princípios cristãos.

Estranhos designios de Deus!

O moiro está transformado hoje em cruzado da fé cristã, em defensor da civilização latina.

Como os tempos mudam!

E que triste acusação contra nós, os cristãos, ser necessário que os moiros venham defender a nossa fé!

Não teremos nós fôrça para isso?

Não a queremos ter?

Triste acusação e mais triste sinal da nossa incúria, perguiça e desleixo.

Oxalá que a lição nos sirva!

Orgânizemos a J. A. C. mas orgânizemo-la bem!

Depois de tanto e tantas vezes termos já falado da necessidade de organizar a J. A. C., ainda há muitos que não sabem o que isso é, nem para que serve, nem como se trabalha.

Para darmos mais algumas instruções aos que querem trabalhar, vamos repetir o que já temos dito.

A J. A. C. não é uma congregação. *Não é uma associação semelhante às dos Filhos de Maria, por exemplo, nem às Conferências de S. Vicente de Paulo, nem ao Apostolado da Oração. Se fôsse qualquer coisa dêste género, não vinha cá fazer nada, isto é, vinha apenas fazer mal.*

Também não é uma associação de recreio. *Para divertir os rapazes podem-se organizar muitas coisas, sem ser necessário montar uma máquina para isso em todo o país.*

Não é também uma organização política. *Se o fôsse não mereceria que lhe dedicássemos os nossos esforços e o nosso tempo. Organizações políticas não são o fim da Igreja, nem a Igreja as quere no seu seio.*

Que é então a J. A. C.?

É uma organização nacional de rapazes do campo para a cristianização da vida agrícola.

Vamos explicar esta definição que não é tão simples como parece.

1.º É uma organização.

Se é uma organização, não é a desordem. Para que um agrupamento de indivíduos se possa chamar uma organização, é necessário que haja quem mande e quem obedeça. É necessário que quem manda saiba que tem autoridade para mandar, e que quem tem de obedecer, obedeça. Portanto não mandam todos, mas só quem tem autoridade para isso.

2.º É uma organização nacional.

Por conseguinte tem de haver quem mande nacionalmente e quem obedeça.

Em cada freguesia há um agrupamento de rapazes sujeitos a uma direcção local. Êste agrupamento está, por sua vez, sujeito a uma autoridade diocesana. E em cada diocese as organizações diocesanas sujeitas a uma autoridade nacional. E tudo obedece.

Se não obedecer, embora lhe pareça que a ordem dada é uma grande tolice, comete um acto da indisciplina e a J. A. C. deixa de ser, uma organização, para ser um amontoado de grupos. Podemos servir-nos duma comparação.

Pegai num relógio. Desfazei-o peça por peça. Juntai tôdas as peças umas junto das outras. Podeis mesmo fazer com aquelas peças um desenho bonito em cima da mesa. Que tereis? Um amontoado de coisas (rodas, parafusos, pedaços de metal, ponteiros, vidro, corda, etc.). Como está serve para alguma coisa? Não serve para nada.

Mas pegai nessas peças, metei-as cada uma no seu lugar, umas rodas a fazer girar as outras e tôdas a serem movidas pela corda e tereis um relógio. Será um relógio bom se tudo estiver bem disciplinado e regulado. Será um relógio mau, se, embora as peças estejam no seu lugar, não houver equilíbrio entre elas.

Portanto, para que a J. A. C. sirva para alguma coisa, é necessário que cada um esteja no seu lugar e obedeça.

3.º De rapazes.

Estão, portanto, excluídos dela os que já são homens e as mulheres.

Se é uma organização de rapazes, quem a dirige são os rapazes escolhidos para isso.

O Padre não é quem tudo manda. O Padre é o assistente, isto é, aquêle que orienta, assiste, acompanha, aconselha, vigia. Nada mais é na organização. Os rapazes é que devem trabalhar, organizar, mandar e obedecer. Para que haja rapazes competentes para saberem cumprir esta missão, devem os Padres prepará-los devidamente. Mas uma vez preparados, a organização é dêles, para êles e por êles feita.

4.º De rapazes do campo.

Não é pròpriamente para as vilas, nem para as cidades, mas sim para as aldeias ou vilas que façam vida agrícola. Não é para operários, nem para estudantes, nem para capitalistas. É para os rapazes do campo.

No próximo número concluiremos, já que êste vai longo.

Conselhos de amigo

Queridos rapazes dos campos! A vossa vida, que sempre é dura, é muito mais pesada e amarga neste tempo das colheitas. Tendes de vos erguer cedo, trabalhar duramente ao sol, deitar-vos tarde, pela noite fora, com o corpo cansado, os pés muita vez doridos e magoados. Não há para vós horário de trabalho, nem o pode haver, para se não perder o que tanto vos custou a semear, a tratar e a colher.

Mas se é dura a vida, se êste tempo vos é pesado, vós podeis, se quiserdes, fazer muito bem ao mundo e obter, com o vosso suor, o perdão de muitos pecados vossos e dos outros.

Como? É muito simples!

Oferecei a Deus, tôdas as manhãs, o vosso trabalho do dia inteiro. Trabalhai unindo o vosso esfôrço aos trabalhos de Jesus-Operário. E o vosso trabalho será uma oração constante a alcançar do céu uma chuva de bênçãos sôbre vós, sôbre as vossas famílias, sôbre a vossa freguesia, sôbre o nosso Portugal, sôbre o mundo inteiro.

Não desperdiceis tanta riqueza que Deus põe nas vossas mãos.

A noite, antes de vos deitardes, levantai as vossas mãos calejadas ao céu.

Vós trabalhastes para cumprir a vontade do Senhor: *comereis o pão com o suor do vosso rosto.*

Podeis mesmo dizer-lhe: «Senhor, trabalhei para fazer a vossa divina Vontade. Dai-me a Graça de a fazer sempre.

Fazei isto e sereis bons. Fazei isto e sentir-vos-eis felizes. Deus estará convosco em todos os dias da vossa vida.

Indicações úteis

É o mês das vindimas e das colheitas. Começa a estrumação dos campos para as sementeiras do outono. Semeiam-se pastos nas primeiras águas. Nas hortas e nos jardins o mesmo do mês passado.

Sangue de mártires é semente de novos cristãos

Deus seja louvado: a nossa Religião, fundada vai para dois mil anos, continua bem *viva!* A prova é que o demónio e os seus amigos — dignos dêle — empregam todos os esforços para a *matar!*

O Catolicismo não esta morto: pois, em pleno século XX, não falta quem dê por êle a *vida!*

A Espanha transformou-se num mar de sangue, e êsse sangue, em grande parte, foi de padres, frades, religiosas ou simples cristãos que foram massacrados, só porque o eram.

Homens e mulheres que tinham abandonado tôdas as comodidades para se consagrarem ao serviço dos pobres, dos doentes, dos loucos, das criancinhas, como fazem, por exemplo, as Irmãs da Caridade — viram aquêle povo a quem serviam, transformado em selvagens para os torturar como feras!

E muitos tinham-se privado de grande fortuna para mais livremente poderem ser os servos dos pobres!

Ah! mas não julguemos que estas infâmias que ficam a marcar com um sêlo de condenação, o século XX — representam a morte da Igreja.

Sempre perseguido mas nunca vencido, o Cristianismo tem visto através dos séculos o sacrifício glorioso de muitos dos seus filhos.

Logo de entrada, durante 300 anos, nós fomos maltratados, devorados pelos tigres e leões, queimados vivos, assados em grelhas. O imperador romano e o povo assistiam, cheios de prazer, à nossa morte no Coliseu!

E nós que éramos a fraqueza, vencemos o Império Romano que era o luxo, a glória e a fôrça!

Depois, pelos tempos fora, o sangue dos cristãos voltou a unir-se ao sangue de Cristo, para salvar o mundo.

Quantos católicos não pereceram às mãos dos mouros, dos protestantes, dos homens da Revolução Francesa?!

Agora cabe novamente a vez à Espanha. Não desanimemos, porém!

Quando os imperadores romanos matavam os nossos sem dó nem piedade, um grande escritor afirmava:

Apesar disso vamos sempre a aumentar. **O sangue dos mártires é semente de novos cristãos!**

É que, como disse alguém, a Igreja só tira uma vingança dos seus inimigos e só conhece uma vitória.

A vitória é continuar a sua marcha emquanto êles baixam ao túmulo. A vingança é rezar por êles!

Quem planta uma árvore, é um bemfeitor da humanidade; quem a destrói inùtilmente, é um criminoso.